

M

LU
-DE

REC

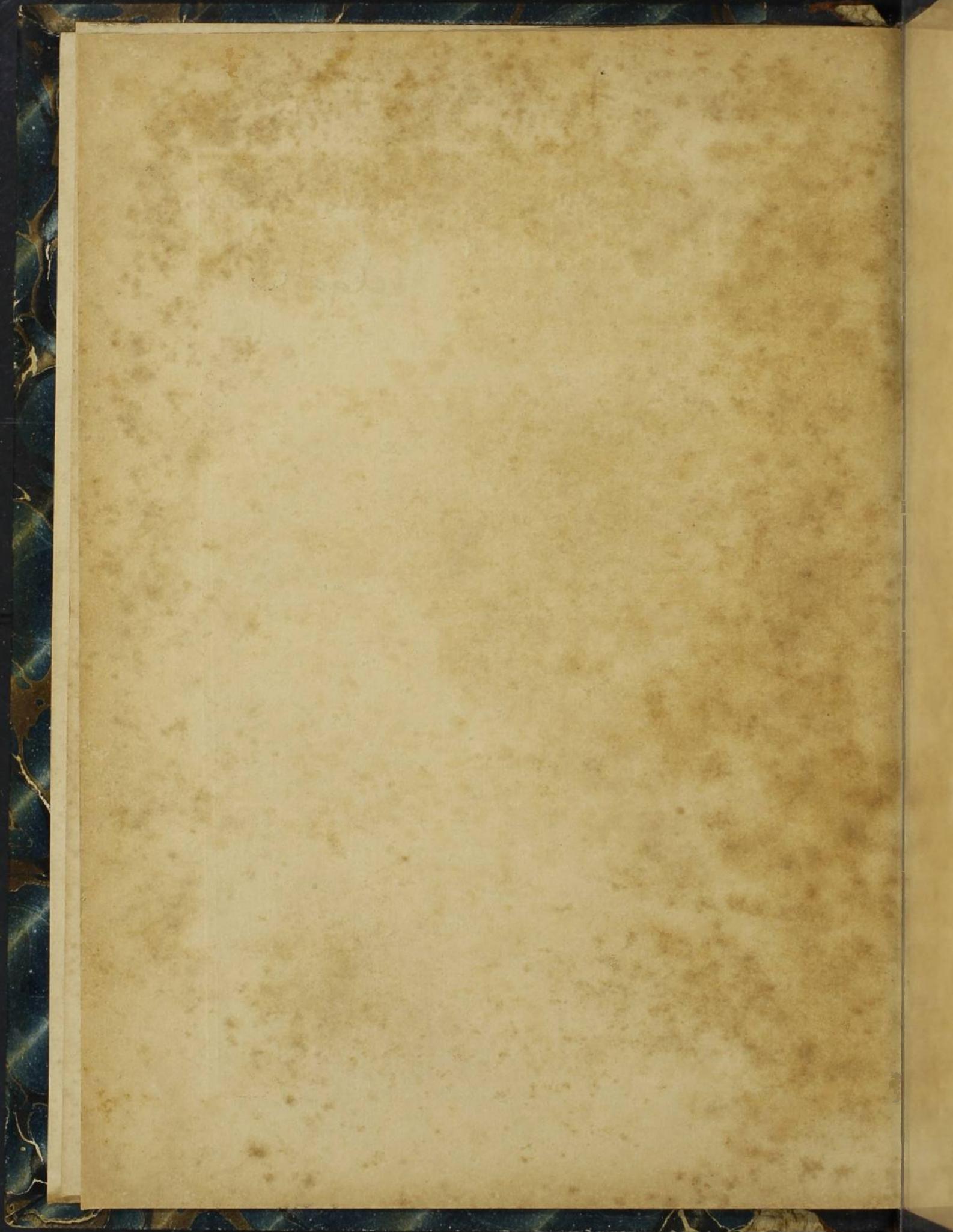
INQUIETOS

LUIS ———
- DELGADO

RECIFE

—

1929

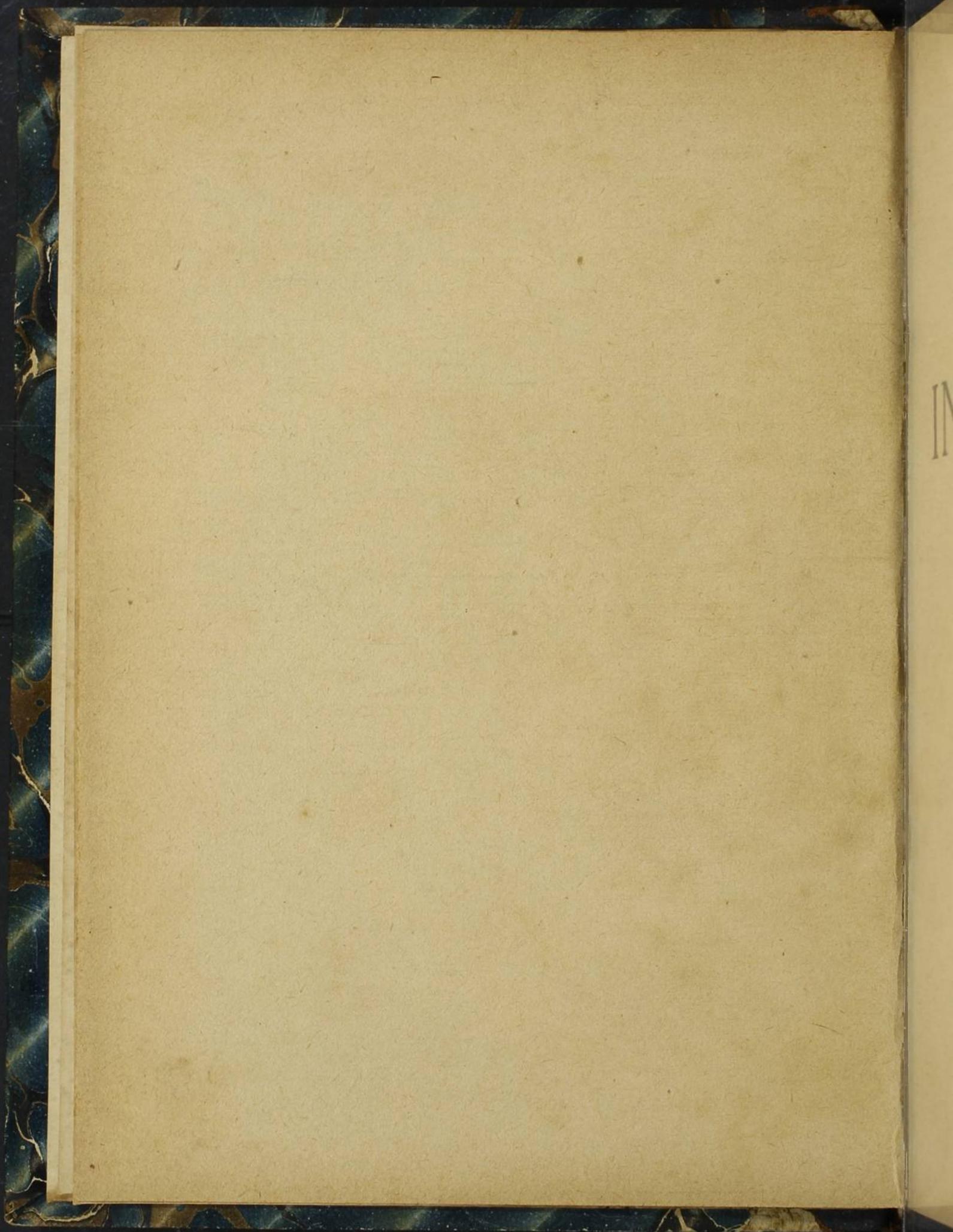


As Aranyo Filho -

com meu melhor affecto
delegado

Maus 929

INQUIETOS

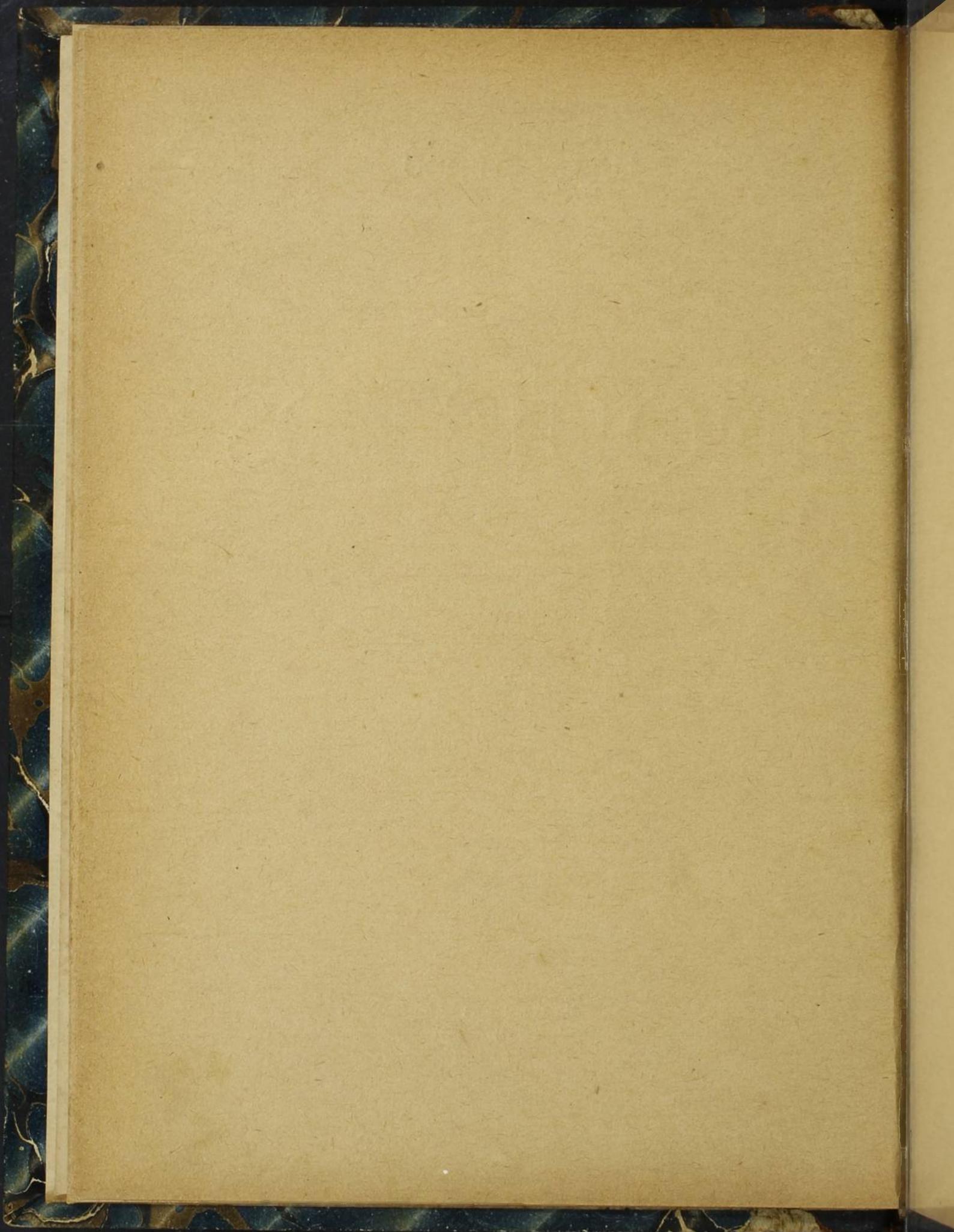


LUIS DELGADO

INQUIETOS

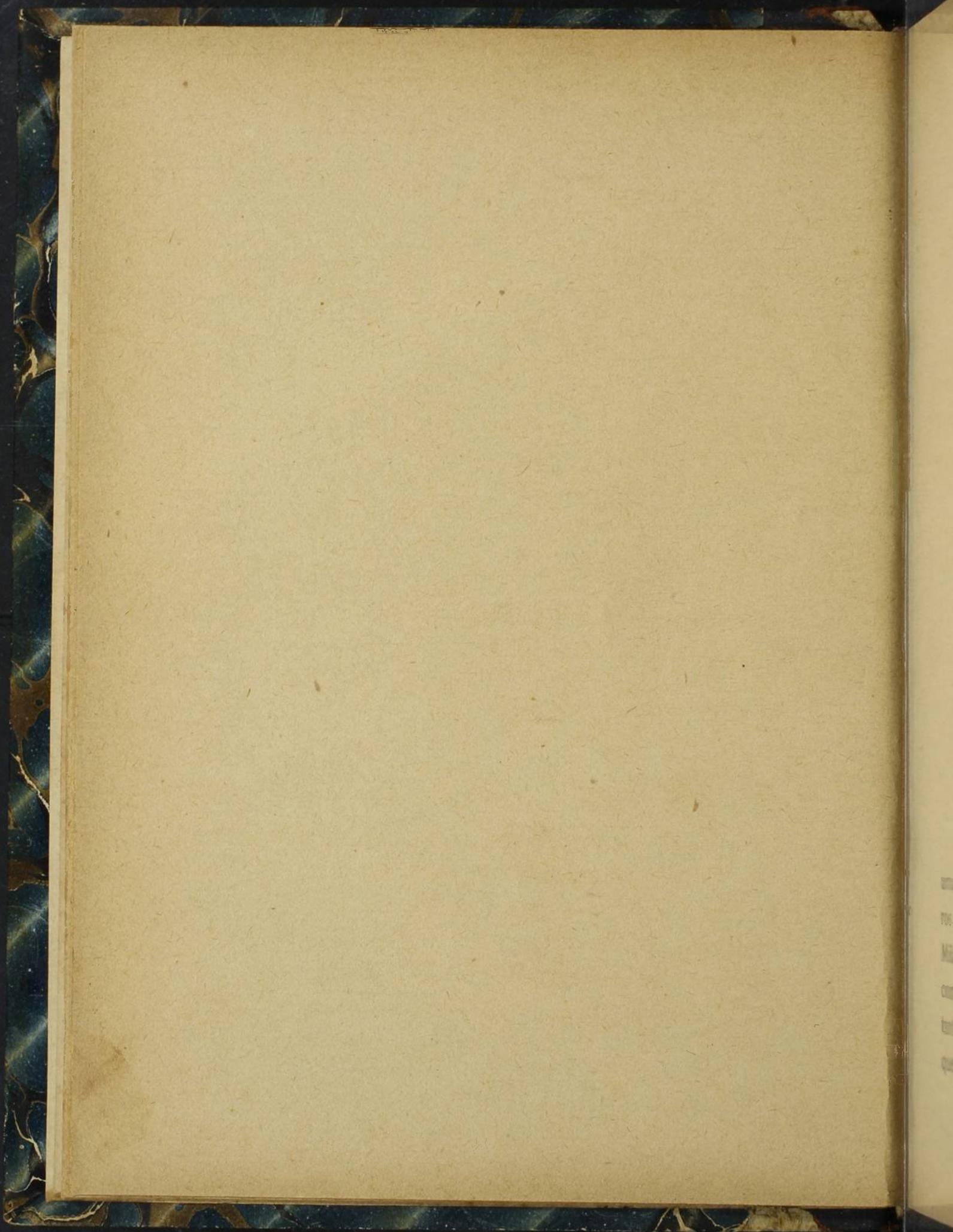


RECIFE
1929



*Le soir tombe. Par les rues,
chacun rassemble son
équipement et ses pen-
sées, avant de reprendre
la route vers l'inconnu.*

Ph. Barrès—La Guerre à Vingt Ans.



PAULO GARCIA fixara-se definitivamente em Olinda, morando sosinho, apenas com uma velha criada, numa casa pequena, ao pé dos morros da velha cidade, perto do pateo tranquillo dos Milagres. Outras casas mais altas protegiam a sua contra os ventos do mar que se percebiam, no entanto, na agitação que andava pelas folhas dos coqueiros.

Agora, quando a ephemera vida balnearia não povoava aquelle recanto de praia, tudo era monotono e calmo. Todos os dias, escutava-se apenas o ruido das ondas, o rumor dos coqueiraes e o vento que cantava de encontro aos menores obstaculos. Nada disso parava, um momento que fosse. Mas, Paulo não duvidava de que aquillo tudo já se tivesse integrado no seu silencio,—o silencio de suas meditações e seus estudos.

Ali, elle vivia bem, sentindo que se findara em sua existencia um periodo de agudas conturbações, não sabia mesmo si intellectuaes ou sentimentaes. E estava agora como que numa estação de repouso, pesando as forças e harmonizando-as.

Jam fazer dous annos que sua familia se retirara para o interior, completa que se achava a obra de sua educação. Voltara para o seu ambiente natural, o vasto sitio onde elle nascera, depois de duas irmãs e fechando o numero dos descendentes de Tertuliano Cavalcanti Garcia.

Foi o nascimento do filho que trouxe modificação á vida tradicional da familia, abrindo um claro na tarefa de agricultores que todos os antepassados

tinham exercido, desde sua chegada a Pernambuco, vindos da Europa. Elles viviam da lucta com a terra. Mas, ao termo de uma longa evolução, só lhes restava aquelle sitio em Trancunhãem. Foi quando Paulo nasceu e isso lhes accendeu nalma um resquicio de ambição.

A continuarem ali, o futuro se limitava aos horisontes restrictos que Tertuliano reconhecia terem sido os seus, implacavelmente. E quiz que Paulo fugisse áquillo. Quem sabe si Deus não faria alguma coisa daquelle menino que lhes nascera? E seguindo o destino dos corações paternos, o delle se apagou. Deixou de cuidar em si. Perdeu talvez a consciencia de si mesmo. Pensou no filho a cujo serviço se dedicou, quasi sem sentir que sua vida mudara de rumo.

Aliás, já havia muito tempo que Tertuliano desaparecera aos seus proprios olhos. Sua individualidade como que se dispersara sobre a mulher, sobre as duas filhas e elle que jamais se analysara, nunca chegou a perceber a mudança operada no aventureoso e turbulento rapazola que fôra, ao longo da adolescencia. Paulo é que beneficiaria dessa transformação,

herdando inclinações para a serenidade e a ordem.

Não é que Tertuliano destinasse o filho a alguma especial tarefa. Tinha apenas a esperança.

E quando Paulo tinha quatorze annos, afim de educal-o fóra dos internatos mercantilizados, vieram todos para o Recife.

Assim, elle se educou entre o lar recatado e o collegio.

A instrucção como lhe ministrara a mentalidade reinante, não passava de um estagio para a matricula nas escolas superiores. Elle via chegarem os professores, darem sua hora de aula e irem embora. Uns sabiam mais e outros menos. Uns se dedicavam, outros não. Mas nem um lhe disse como é que o espirito pode desenvolver-se em virtude de suas forças naturaes, utilizando as sciencias. Menos ainda que os professores de gymnastica, nem um lhe deu planos de acção. Todos lhe davam attitudes e habitos.

Tampouco imaginou Paulo que, um dia, essa questão se apresentasse a elle. Mesmo quando, terminados os preparatorios, disse ao pae que pretendia

estudar direito, não seria elle que soubesse dar a razão de sua preferencia.

Talvez não fosse mais que pela suggestão do nome: afinal, *direito* diz mais á imaginação de um rapaz de dezeseite annos, do que engenharia ou medicina, principalmente si elle tem um terreno espiri- tual fecundo, repousado desde trez gerações.

Paulo era assim. Seus ascendentes não tinham aproveitado a intelligencia, sinão para viver uma vida quieta de agricultores, sem emoções, sem abalos. Desde os bisavós, elles faziam reservas de forças— quando a fortuna se lhes alterou com as consequen- cias da revolução de 1848, em que se intromettera o ultimo espadachim que a familia possuira. Empobre- ceram. Reduziram-se ao sitio de Trancunhãem e nelle crearam uma noção nova da existencia, muito attentos á sua propria realidade, sem devaneios.

Os nervos e a carne de Paulo vinham fortaleci- dos desse longo descanso e a alma podia utilizal-os bem. Com isso, herdara uma certa ingenuidade con- fiante.

De sorte que a palavra parecia possuir horizon- tes largos e illuminados. Foi estudar direito.

Quando se encontrava no quarto anno, o pae annunciou-lhe que não renovaria mais o arrendamento do sitio. Iam voltar para lá. Desde muito tempo que não se explicava mais que a familia ficasse ausente de sua verdadeira casa.

—Porque aquella é que . . .

Elle hesitou quasi imperceptivelmente sobre o verbo que havia de empregar. Paulo adivinhou porque a vinha sentindo tambem, a melancolia paterna diante da tradição que se quebrava.

—é que tem sido a nossa casa.

Frisou que tinha sido. Elle lhe queria bem e doia-lhe que o filho tivesse de deixal-a.

Paulo ficou em silencio.

Mas, quando se viu cercado da promiscuidade banal das pensões, reconheceu quanto era forte nelle o sentimento da familia e do lar.

Outros estudantes acostumados aos internatos desde creanças, e moços do commercio educados na confusão dos balcões, enchiam as casas de hospedes e as republicas por onde andou. Chocava-o o contraste dos sentimentos. Lembrava-se de seu pae, vin-

cado pelos costumes tradicionaes ; de sua mãe cuja providencia e cuja bondade já faziam parte do ar que elle respirava; de suas irmãs, Placida e Mercês, que pareciam florir dentro de casa. Sentia-se desamparado.

Indo passar as ferias no sitio, foi uma revelação para elle. Apercebeu-se de um grande bem que queria aos seus paes, de uma gratidão immensa que lhes tinha, de um enternecimento que se espalhava sobre todo o lar e que se transfundia mesmo sobre as coisas — sobre os moveis antigos, sobre as arvores velhas, sobre o trabalho das culturas.

No Recife, alguns rapazes começavam a defender umas doutrinas de tradicionalismo e regionalismo. Elle pensou então que isso devia ter um sentido profundo e se inclinou para essas tendencias. Mas, era uma escola litteraria como as outras, e elle não tinha nada com litteratura : queria apenas levar a sua vida com sobriedade e bom senso, diminuindo o mais possivel os choques que teria de soffrer necessariamente a sua sensibilidade.

Voltou para fazer o quinto anno e formar-se.

Não podia adivinhar quantas crises o atravessariam silenciosamente, no decorrer desse anno. Um turbilhão de ideas e de sentimentos o assediava. Viveu numa especie de contorsão espiritual, sentindo o que devem sentir os troncos pelo enrodilhamento das fibras e dos vasos. Eram melancolias, aborrecimentos, odios, aspirações—tudo indefinido e sem causa.

Si elle tivesse feito versos quando mais moço, seria capaz de se julgar um ser de excepção, incomprehendido entre os homens, exilado na terra... Ouviu fallar nas transformações physicas ao longo da adolescencia, praticou desportos, approximou-se de camaradas joviaes que alterassem o traço recto e morno de sua vida.

Sob tudo, porem, perdurava a crise.

Examinando-se, elle não encontrava mais do que uma sêde de definitivo e uma imponderavel agonia diante do curso do tempo. Como um homem que se cansasse de viajar, de viajar, sem esforço algum, sobre as aguas de um rio e vendo, nas margens, as arvores caminharem tambem. A mobilidade de tudo, interno ou externo, fazia-se tyrannica. Percebia-se

mudando, caminhando, envelhecendo. E queria ter um ponto de referencia, um alto de que pudesse datar duas etapas, duas epocas, e em que pudesse fazer uma revisão de consciencia. Era a necessidade de ordenar a vida, verificando o que já se adquiriu e organizando o que se possúe.

Mas o tempo era implacavel e debalde essa sêde o instigou.

Elle queria saber o que já era intellectualmente mas os conhecimentos que tinha, desdobravam-se no indefinido, não se fechavam, não faziam pontos finais. Concluindo, interrogavam. E a alma projectava-se para a frente, sem adquirir uma noção qualquer de limite.

Mas essa indistincção fazia-se ainda mais melancolica quando elle queria saber si era bom ou si era mau. Fascinava-o a belleza moral, a rectidão, a nobreza. Mas que exigiria ella delle? Que havia elle de seleccionar, entre as suas actividades e as suas preferencias?

E havia tambem a imposição de procurar uma collocação na vida e ser o sustento natural dos paes

que envelheciam e se approximavam da morte, e das irmãs solteiras. Eram todos pobres. E aos pobres a vida mesmo material tem um significado de lucta e de conquista que a torna muito mais tragica.

Afinal, elle estava na terra para alguma cousa. Que era isso ? Não sabia. Mas, fosse o que fosse, era indispensavel ter consciencia de si para executar a tarefa. Talvez mesmo, quando adquirisse essa consciencia, a tarefa se revelasse aos seus olhos, de subito. E elle luctava para ver si se surprehendia, perseguindo-se em lentos exames.

Só alcançava a instabilidade do terreno sob os pés. E comparava a existencia a uma planicie coberta de arbustos altos que escondessem o horizonte, inquietos, movendo-se e nem permittindo que a elles se subisse para pesquisar. Era a sensação desoladora do homem que não sabe onde está e vê tudo em roda ephemero e fluidico.

Mas, de repente aquillo tudo se dissipou, sem que Paulo soubesse por que influencias.

Foram, a principio, os estudos para os exames,

absorvendo-lhe a atenção. Formou-se. Depois, acompanhou os paes que tinham vindo assistir á collação do grau e voltavam para o sitio, onde elle se demorou um mez, em descanso. Em contacto com a familia, lançou as bases de sua vida que se devia iniciar. Quando, pelo meado de Janeiro, voltou para o Recife, começou a advogar, animado pelo convite de um antigo professor a quem se afizera.

E sentiu que tudo passara como viera, subtilmente.

Como que os vinte e um annos lhe tinham infundido até o mais profundo organismo a noção de uma vida nova, mais sensata, solida.

Arranjou aquella casa em Olinda, trazendo para o serviço uma velha creada da familia que o vira pequeno. Dispoz seus quadros, seus moveis e seus livros.

E começou a ver os dias passarem, sem a febre antiga, embora ás vezes estremecesse, quando a intelligencia lhe reclamava uma penetração mais profunda no torvelinho dos homens, uma acção objectiva, consciente de suas finalidades. A verdade é que sob

o repouso apparente, andava-lhe na alma um desejo de afirmações energicas.

Mas elle já não se amargurava.

Paulo percebia-o mas esperava. Adiava as preoccupações. E continuava existindo apenas, enquadrado na moldura banal daquelles dias sem novidade que, no entanto, um bem immenso lhe faziam.

PAULO sentiu passos que se detinham diante de sua casa mas, absorvido pela musica, não se moveu nem prestou atenção. Continuou entregue á magia do *Nocturno* de Borodine, que trazia todo na memoria e não se cansava de ouvir. Ainda quando o disco cessou de girar, ficou a lembral-o, recordando tambem o tempo distante em que a ouvira pela primeira vez e aquella musica fôra como

uma sobrenatural revelação. Elle se anniquilara diante della, em inarticuladas, indecisas tristezas.

Uma rajada de vento frio entrou pela sala. Elle se levantou para fechar a janela. E notou, então, que, no passeio estreito, estava sentado um rapaz, encostado tranquillamente á parede.

—Mas, Eugenio ! E' você ?

O outro voltou-se, surprezo. Paulo continuava alegre com o encontro :

—Que historia é essa ? Que anda você fazendo por ahi ?

—Eu passeio, respondeu Eugenio Prado.

Levantou-se e, approximando-se de Paulo, explicou que, errando pela praia, ouvira musica e se detivera a escutal-a.

—Isso é romantismo, Eugenio... Entra.

Eugenio, solicitado, acceitou o convite e a alegria inesperada daquelle encontro poz-se a combater a tristeza em que elle andava envolvido sem motivo certo.

Não havia entre elles intimidades. Quando se tinham conhecido na Faculdade, Paulo acabava o curso que Eugenio iniciava apenas. Suas conversas não tinham então passado de pequenas phrases perdidas, no meio da multidão dos outros rapazes e isso ainda nos poucos dias em que coincidiam suas horas de aulas. Depois, só uma ou outra vez se tinham falado, em encontros casuaes.

Mas eram camaradas. E a camaradagem entre elles não era uma banalização de relações, uma exigencia da vida que os tivesse approximado. Era uma especie de estagio, uma expectativa.

A conducta de cada um fizera suppor ao outro grandezas reservadas. Numa terra e numa geração em que a superficialidade se faz barulhenta para a si mesma se enganar, a discreção já é um merito. Principalmente si ella não é um apagado silencio mas dá idéa de uma attitude escolhida.

Era essa discreção que os approximava. E enquanto se encontravam no meio de rapazes despreoccupados, ella que os separava dos outros, approximava-os entre si.

Pela primeira vez, elles se defrontavam sem testemunhas. E como não tinham assumptos de interesse commum, depois de tocarem em algumas ba-

nalidades, haveriam de falar de si mesmos. De se fazerem confidencias sem que o esperassem e sem que nenhuma prova de amizade os houvesse ligado em qualquer tempo da vida ou promettesse ligal-os. Porque ás vezes duas almas se encontram e se reconhecem e, fóra daquelle instante, se apagam.

O que era necessario aos destinos era que vissem aquelle instante.

E elles estavam particularmente preparados para isso: Paulo cansado de seu isolamento, Eugenio incerto de si mesmo.

Mas a alma obedece ás minimas influencias e são ellas que nos movem, pois não lhes sabemos resistir. O que elles tinham a se dizer, desapareceu nelles, pela alegria de se encontrarem. Como alguém que espera por quem o haja de salvar e, diante do salvador, se esquece, por alegria, de pedir o auxilio.

Foi preciso que fallassem de musica e Paulo puzesse na victrola sua ultima novidade: o Andante Cantabile, de Tchaikowsky. Novamente, cobriu-os a musica com o seu manto de sortilegios. Os pensamentos pararam. E de lá do fundo dos corações,

cresceu uma expectativa silenciosa e imensa, como si no ar, acima delles, passassem imponderaveis forças redemptoras.

Eugenio voltou-se para Paulo e disse simplesmente :

—Essa musica dá tristeza.

Paulo levantou-se e guardou o disco, em silencio.

—Você sente isso ?

—Sinto.

—Eu tambem sinto.

Como dois homens que procuram seus pensamentos antes de fallar, elles hesitavam. Foi Paulo que disse :

—Desperta assim saudades das venturas que a gente não alcançou, não é ?

Eugenio disse que não sabia. Era tristeza apenas.

E ficaram novamente em silencio. E foi Paulo quem novamente o quebrou, sentindo o artificioso daquella posição.

— Nós estamos parecendo dois apaixonados vencidos por maguas de amor. . .

E elles agora passavam a ser victimas da propria discreção que os deshabituara a confidencias. O resguardo de suas proprias intimidades fizera-se excessivo e elles já não podiam fallar sobre seus segredos por medo de serem ridiculos.

No entanto, Eugenio, mais impetuoso, venceu-se e disse que realmente, andava como um apaixonado dos tempos do romantismo.

—Você viu como me encontrou. . . E eu já tinha andado pela praia, desde o Carmo até aqui. O mar é que me dava uma idéa do que ando sentindo. Parece uma onda apertada dentro de mim e querendo me afogar.

Fez uma pausa. Depois concluiu :

—Eu desejava dominal-a e apparecer victorioso.

E como si tivesse achado uma expressão que procurasse ha muito tempo, repetiu :

—Queria apparecer victorioso aos meus olhos . Só uma coisa me consolava, acredite : metter-me em uma lucta qualquer e vencer. E saber que tinha vencido . . .

Paulo ia fallar e dizer de um sentimento de so-

lidão que agora o acabrunhava, mas Eugenio o antecedeu.

—Você, no meio dessa serenidade, já parece um vencedor . . .

Olhou, em torno, aquella bôa ordem, aquella tranquillidade.

E não foi hypocrisia nem vangloria, mas Paulo mudou de pensamento e, em vez de confessar tambem sua humildade interior, lembrou-se de que, mais ou menos, fôra daquillo que soffrera, annos antes. Sua propria calma actual, fôra a victoria ou fôra apenas o premio de uma victoria? O que é certo é que transpuzera o periodo difficil e o outro o considerava um victorioso.

Então, foi como um homem victorioso que elle disse :

—Isso é a idade, Eugenio. Isso passa.

Poz os olhos sobre a victrola que estava diante delle calada e aberta e, fitando-a, continuou :

—Eu tambem já estive assim. Quando eu andava ahi pela sua idade, nem eu mesmo sabia calcular o que sentia. Um dia, não supportei mais e fui a um medico. Elle me disse o que eu lhe estou dizendo e

me deu uns remedios, mas eu achei que elle era burro e joguei a receita fóra. Eu era lá mulher ! Mas, tudo veio a passar, com o tempo. . .

—Você é um temperamento muito differente do meu. . .

—Você acha ?

—Sem duvida. Eu, si tivesse a sua serenidade, a coisa seria outra. Mas, sou um violento. Emquanto que para você a vida é clara e harmoniosa por sua cultura ou por sua distincção de raça, eu sou muito mais. . .

la dizer intenso. Mas, por delicadeza, disse insatisfeito. Porque, francamente, para elle aquella calma não podia existir sem o sacrificio de uma certa profundidade. Não podia haver em Paulo a tenacidade, o exclusivismo que seriam os unicos sentimentos capazes de a elle contentar . . .

Paulo percebeu a hesitação e esclareceu :

—Pois, creia que eu tambem passei por isso. E ainda hoje . . .

Mas, lembrou-se de que o outro o considerava um victorioso :

—E foi por ter soffrido que já cheguei a um

certo grau de convicção que me conforta um pouco.

Lentamente fallou, procurando bem definir o seu pensamento :

—Para mim, hoje, o que há de fundamental é a ordem e só há duas especies de homens—os que venceram a desordem e os que foram vencidos por ella. E a desordem só se vence com o tempo.

—Na hora da morte . . . cortou Eugenio.

Eugenio só permittia ainda que Paulo fallasse porque lhe queria bem. Si elle lhe fosse um indifferente, nada o convenceria de que o outro não fosse um grosseiro, incapaz de sentir e comprehender certas subtilezas da alma. A salvação de Paulo é que Eugenio, antes de tocar esses assumptos, tinha concebido que elle fosse intelligente.

E' assim que os homens se julgam uns aos outros. E Eugenio escutava :

—Não, não é na hora de morte. E' nessa phase agitada e bôa da adolescencia.

Notou o tom oratorio com que começava a fallar e explicou :

—Eu vou fallar sem pedantismo para você, dizendo umas coisas que sinto muito sinceramente.

Olhe : eu penso que, certa epoca, quando o espirito se forma em sua feição individual, nascem nelle descontraidos desejos. E' a vida que vem do organismo ou vem do passado, dos ancestraes . . . Não sei de onde vem. Vem talvez da alma criada directamente por Deus. Mas, então, lucta no individuo a razão que se perfaz, afim de dominar tudo isso. E' uma lucta imprecisa e tenaz, não se sabe com quem. Agora, si o coração se faz debil, a vida jogará com elle até o fim, mas si elle encara a lucta, fica com o geito inconfundivel dos dominadores. E' o que eu vejo—os ordenados e os desordenados.

Emquanto esperara o bonde, Eugenio veio caminhando até o Varadouro.

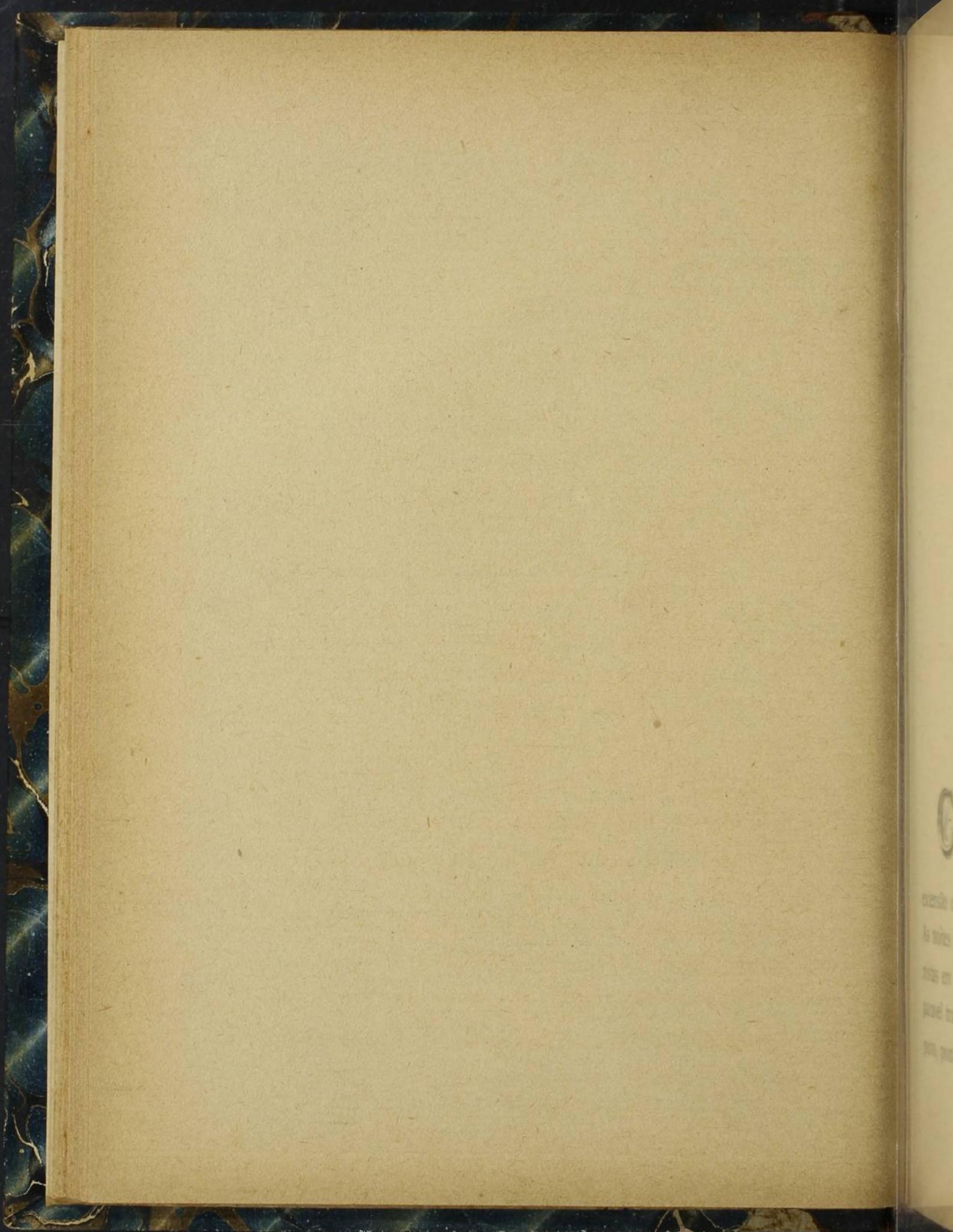
Elle gostava de passeiar, nas noutes negras, sozinho. A impressão de solidude, de orphandade que o acompanhava, fazia-se sensorial. Vinha dos sentidos em lugar de vir da intelligencia e, vinda da intelligencia, ella era infinitamente mais dolorosa.

Mas, naquelle momento havia nelle apenas um enorme silencio interior.

Parou sobre a ponte, como era seu habito nesses passeios tristes em que as coisas se faziam mais puras e mais ternas. Olhou as amplas canoas ancoradas no meio do rio. Dentro, por alguma parte, havia uma luz fraca. O céu se estendia sobre ellas. As aguas balançavam docemente.

Aquillo sempre lhe suggeria afastamento da vida, quietude . . .

Mas elle pensava apenas em que talvez fosse mistér criar a ordem no seu coração.



CERCA de sete horas, Paulo sahiu.

O verão começava a povoar toda a extensão da praia, desde os Milagres até o Pharol. As noites desciam sobre uma alegria festiva de veranistas em folga, e eram ellas mesmas de uma incomparavel translucidez, com um céu muito alto e muito puro, pontilhado de estrellas. A's vezes, por elle, su-

bia uma grande e scintillante lua, cuja luz transformava a terra numa scenographia.

Depois do brilho do dia e do calor, a noite serena era um refrigerio e nella os sentidos repousavam.

Paulo veio caminhando para o pateo do Carmo, deserto áquella noite, com as luzes dos cafés, uns poucos passeantes vadios e a campainha incessante de um cinema. Fôra ali que marcara encontro com Yvette.

Yvette era o seu ultimo namoro.

Apezar de toda a seriedade do seu espirito, elle se sentia bem na convivencia amavel de certos flirts, trocando phrases leves de galanteio banal. Era o ultimo divertimento, explicava elle a alguns dos seus amigos, que lembrava extinctos habitos de côrtes . . .

Gostava, como um esgrimista, de se deixar cercar pelo fascinio perigoso dos olhares, da voz, dos contactos das moças que escolhia. Mas era com uma serenidade e um governo de maneiras que se approximava do cynismo. Elle trazia a intenção de não se deixar vencer. Namorava como um simples esportivo. E talvez esse seu habito consciente trahisse, no fundo,

uma certa inferioridade do seu coração diante da intelligencia : o vicio das longas analyses psychologicas agisse nelle, agisse sobre os seus sentimentos como corrosivo lento e seguro, sem deixar que elles criassem raizes.

Essa Yvette, encontrara-a, uma tarde, quando subia ao morro da Misericordia, a apreciar o crepusculo. Vira a luz esbater-se e crescer a sombra subtilmente, como um ser enorme e impreciso que nascesse de toda a extensão da terra. Ouvira os sinos de tons diversos cantarem sobre a cidade colonial : Misericordia, Carmo, São Francisco, São Bento . . . E viera descendo devagar. Encontrou-se então com uma moça de olhos negros e vivos, de um perfil correcto sem requintadas perfeições, de um corpo esguio mas forte, — como tantas outras que florescia em sua raça.

Coincidiram os caminhos e Paulo deteve-se no Carmo, onde ella parara, esperando um bonde que a levasse ao Recife. Uma senhora, de perto, acompanhava-a. E elle deixou-se ir tambem, como que por acaso, até o Recife, perdendo-se a fitar aquelles olhos

que se mostravam agradecidos da imprevista homenagem.

De volta, Paulo sorriu, pensando que era ainda bem tolo, talvez o ultimo da especie... Bastava um encontro como aquelle, para lhe fazer perder a tarde aproveitavel em cousa mais util.

Mas, no dia seguinte, novamente a encontrou.

A' noitinha, no seu passeio costumeiro, encontrou o Carlos Olympio, um velho conhecido que viera passar o verão e estava morando no Bomfim. De accordo com o costume da cidade pacata, trouxera cadeiras para a calçada e ficara a conversar mortamente com a familia—com a mulher e as duas filhas. Paulo, passando, foi surpreendido com um convite e deteve-se um instante.

Emquanto ouvia a conversa desenrolar-se, falando por cortezia, Yvette sahiu da casa vizinha. Sahiu e veio com a irmã, cumprimentou as moças demoradamente até que a convidaram a sentar-se. Disseram, na apresentação, o nome della a Paulo: Yvette Marques.

O nomesinho afrancezado e incaracteristico desagradou-lhe, parecendo revelar uma banalidade de es

pirito que, de facto, não existia. Ella não conversava—é verdade,—como as personagens dos bons romances, sobre litteratura nem arte. Mas os commentarios sobre os acontecimentos vulgares e sobre conhecidos communs evidenciavam uma agil intelligencia que Paulo logo se pôz a admirar, como um cõroamento dos graciosos dotes physicos.

Carlos Olympio procurava sempre fazer espirito, no que ella só escassamente achava graça. Paulo, de vez em quando, fallava-lhe alguma coisa, pondo nos olhos, ao olhal-a, uma eloquencia artificial, em que ella se comprazia, enquanto os assumptos decorriam e passavam.

Ella tambem, como Paulo, gostava da cidade antiga. Amava de Olinda a curiosa disposição total que fazia della, ao mesmo tempo, uma cidade e um arrabalde; sobretudo, aquelles quintaes de todas as casas, cheios de arvores velhas que davam ao conjuncto uma bõa harmonia entre a natureza e o trabalho humano das torres das igrejas e das varandas das fachadas.

Foi isso o que elle deduziu de suas palavras.

—Pois, eu quero bem a Olinda, doutor. Acho isto aqui interessante, agradável. Depois, ali junto fica o Recife e, em dez minutos, é um ambiente diverso, outra agitação, um refrigerio contra a tristeza... Porque Olinda, ás vezes, dá tristeza.

Carlos interrompeu-a :

—Mas, onde você viu tristeza em Olinda, menina? E' o que não há. Ahi estão os banhos, as retretas . . .

—Ora . . . E o inverno ?

—No inverno, ninguem fica aqui.

—Eu fico, declarou Luciano. E fico ali nos Miragres, bem pertinho do mar, com o vento e a chuva.

—Mas é uma falta de gosto !

Yvette ficara uma vez, com a familia. E, francamente, só não gostara por causa do calçamento colonial onde a agua empoçava incommodamente.

—De resto, concluia, onde é que o inverno é agradável ?

Carlos Olympio contrariou que o inverno era a alegria dos agricultores.

—Mas, eu não planto canna . . .

E sorriu com um ar de irreverencia que encan-

tou Paulo, diante da phrase cansada do outro. Elle lembrou-se então de ir embora. Despediu-se. E enquanto Carlos procurava detel-o, Yvette achou meio de convidar as amigas para um passeio, na tarde seguinte, ao Carmo. Quando concordaram, Paulo tinha resolvido que iria esperal-as. E era para isso que sahia agora de casa.

Sentou-se na varanda de um bar, a dez metros das ondas. Percebia as aguas negras debatendo-se na fila branca das espumas e na areia clara. Depois, para mais longe, era uma treva agitada e convulsa sobre o mar e uma treva tranquillã junto do ceu.

Paulo estava acostumado a semelhantes encontros e não sentia nenhuma ansiedade especial. Alem disso, faltava ao seu sentimento um impulso moral profundo que o transformasse em amor. Mas, elle começou a lembrar-se de um melancolico pensamento que lera em Joseph Conrad, sobre as influencias mesmo das coisas sem importancia sobre um destino. E reconhecia que um encontro com uma mulher bem que pode alterar uma sorte, pacientemente construida... Pensava nisso sem querer, como si annotasse um facto extranho á sua alma.

Sabia a historia de muitos rapazes de sua idade: simples paixões ephemerã, contrahidas ao curso de um brinquedo, deixavam um traço. Faziam soffrer.

E Yvette chegou, acompanhada da irmã e das amigas.

Vendo-as, elle se approximou :

—Andam a passeio? Quero cumprimental-as.

Disseram todas, com a maior candura, que tinham vindo ver o mar. Era a distracção que havia, naquella noite . . .

—Mas, então, sentem-se um instante.

Yvette ia ficar junto delle e ainda as outras se accomodavam quando elle disse baixo, só para ella, que, depois, iria agradecer ao mar a oportunidade do encontro.

—E' verdade? perguntou ella, com os olhos alegres.

—Vou. Tambem seria ingratidão dever ao mar o obsequio de sua companhia e não agradecer . . .

—Ah! Então, você tem duas dividas atrazadas: uma ao bonde e outra ao seu amigo Carlos . . .

Elle confirmou, mas desculpava-se: a primeira emoção não deixara tempo para pensar nisso . . .

Elles eram de uma geração innegavelmente mais alegre embora um pouco mais banal, que seus antepassados. Estavam brincando um para o outro. Queriam ser dois bons camaradas e não apparentavam gravidade nem eloquencia.

E a conversa se fez em torno da meza e durou perto de uma hora.

Foi quando lembraram que era tempo de voltar. Paulo acompanhou-as ainda um pedaço e, deixando-as, levava saudades daquelle convívio e da mão que se deteve longo tempo na sua.

No céu, a noite caminhava sobre os homens e sobre a terra.

Elle veio até junto ao cinema, retomando o caminho para casa. E ahi, encontrou um conhecido que o saudou :

—*Seu* Paulo, não desinquiete a noiva dos outros! . . .

Paulo fingiu-se estranho áquillo :

—Mas, perdão. Sempre é um exagerosinho de malícia. Pois então eu conheço uma familia e não posso fallar com as moças?

—Eu não sei. Só sei que a vida alheia aqui é muito bem tratada . . .

Deu adeus e afastou-se. E Paulo ficou sabendo que Yvette tinha um noivo.

IV

EUGENIO PRADO morava numa pensão, á rua da Aurora, perto da Ponte Santa Isabel.

Seu temperamento se revoltava contra a promiscuidade inevitavel em taes habitações e elle gosava fama de pedante porque a maior parte do tempo passava fechado em seu quarto. Feitas as concessões indispensaveis, vivia separado dos outros.

Os outros vingavam-se, considerando-o um infatuado. E quando elle sahia de seus silencios e se mostrava sempre cortez e deferente, esse conceito que delle tinham, não fazia sinão crescer.

O seu quarto abria janellas para a rua e dali, durante os dias, elle olhava a luz, a luz immensa do sol cahindo sobre o rio e sobre as arvores altas do jardim da Praça da Republica.

Sahia, pela manhã, para as aulas da Faculdade e só á tardinha deixava novamente a pensão, para o seu acostumado passeio, pelos recantos quietos da cidade.

Era um desejo de solidão que incessantemente o conduzia. Elle reconhecia nisso um certo elemento de intensidade espiritual mas não se confiava e não deixava de perguntar a si mesmo si não decahia nelle a sympathia humana, o interesse pela vida como todos a entendiam e como ella era realmente . . .

Protestava mas não fugia. Não podia fugir.

Principalmente depois das ferias de São João, não achava outro meio sinão acceital-o como uma fatalidade.

Estava no segundo anno. Quando era calouro, estudou com enthusiasmo, diligentemente, mas, depois, começou a sentir uma vaga decepção: começou a indagar para que lhe serviria aquelle curso. Não se contentava em ganhar a vida como bacharel. Uma coisa pela outra, certamente a usina daria melhores resultados. Ser, então, um jurista? Mas, como explicar o desencanto que se seguia ás brilhaturas possíveis na Escola, brilhaturas que não mudariam de natureza quando se repetissem mais tarde, lá fóra, num scenario maior? E elle tinha a idéa mal esboçada e indefinida, de que estava a estudar direito antes de tempo, antes de possuir um intermediario que ligasse a disciplina afastada á sua vida, á realidade mesma de sua alma.

Era um certo character de pouca ligação natural com o seu espirito, o que o desilludia nos seus estudos de direito.

Comprehendeu isso, durante os largos descansos das ferias, na usina de cuja vida fóra sempre tambem criado distante.

Nada tendo a fazer, pensava muito. E deu para concluir que o seu mal vinha de longe e era o mal

de toda a sua educação, desde a escola primaria. Nunca lhe tinham fallado dos methodos de se completar, de satisfazer a sua finalidade, de ser um homem. Nunca lhe tinham dito, pelo menos, que havia uma coisa dentro d'elle para ser effectivada. Diziam-lhe apenas que existia, do lado de fóra, uma sciencia para ser aprendida. E elle desconfiava agora de que o mais importante fosse sua alma pois só para ella não seria indifferente nem inconsequente passar pela terra.

Mas, elle era ainda um bocado menino: a essa altura, seu pensamento se confundia.

Julgou que as almas dependem dos meios exteriores, dos ambientes e, solicitado pela sêde de acção que tambem o acicateava, poz-se a dar demasiada attenção á sociedade.

—Qualquer um de nós, imaginou, representa a confluencia do passado, a confluencia de todos os seus ancestraes. E é necessario que esses rios primitivos venham ordenados e serenos, afim de que o encontro das aguas, nos seres novos, não seja uma simples revulsão sem sentido. Ora: as gerações anteriores não tinham comprehendido isso. Era mister

que as novas o comprehendessem e começassem a agir em funcção do futuro.

E quando voltou das ferias estava resolvido a compor uma solução para esse problema.

Só mais tarde alcançou quanto essas conclusões o contrariavam, reduzindo toda actividade a um fim puramente social que esquecia o fim proprio da alma, o destino do individuo. Essa concepção reclamava, ao mesmo tempo, que a sociedade se movesse com a disciplina de um exercito em parada, quando a vida requer movimentos de lucta. E não dispensa o arranco pessoal.

Mas, antes de fazer essa etapa mental, teria de luctar muito com a desordem. E luctou.

Eugenio estava á espera de Alfredo Tavares que Claudio Lyra promettera trazer-lhe, aquella tarde.

Claudio, dentre os collegas de pensão, era o que gozava de sua maior intimidade. Entrava-lhe commumente pelo quarto e ficava horas, bolindo nos livros e contando a historia das pequenas occurrencias da cidade que interessavam o seu meio. Era ainda por elle que Eugenio sabia das intrigas da Faculdade.

Era primo de Alfredo.

Este era um calouro ainda, mas era, sem duvida, um dos mais esforçados e cultos rapazes da Escola. Era marxista. E em torno d'elle, havia um grupo de seguidores que não cansavam de o louvar,—em parte porque o admiravam e em parte porque sonhavam uma camaradagem illustre.

Eugenio sabia d'elle apenas que tinha um pensamento definido, no meio daquella turbamulta onde se defendia com o calor de novidade o suffragio universal e onde se fazia a apologia de todos os revolucionarismos liberaes. Onde se pensava que a evolução tinha criado a Republica e a Republica não po-

dia ser senão certa e bôa, como ultimo estagio evolucionista.

Elle não julgava superficialmente a desorientação que via em torno de si. Via os espiritos apegados a doutrinas faceis e banaes ou os braços cruzados, emquanto a vida rolava os corpos. Mas, alcançava que existiam, debaixo disso, muitas vezes, as melhores qualidades pessoaes, confusas por falta de uma disciplina orientadora. E interessante era que, educados na adoração de uma vasia liberdade displicente, qualquer disciplina, para dominal-os, teria de fazel-o sorrteiramente, ás occultas.

Claudio, por exemplo . . . Gostava delle. Era uma intelligencia brilhante e de muitas virtudes. Mas, ter-se-ia elle lembrado, alguma vez, de que possuia um espirito para fazer forte e fecundo ? Era um simples dispersador da vida.

Dar-se-ia que a sua geração estivesse reduzido áquillo ?

O conceito que cercava o Alfredo Tavares, parecia responder-lhe que não. Dahi o interesse que tinha em se approximar do marxista, mesmo porque

tambem elle não tinha uma idéa firme, um rumo certo.

E, num sortilegio de sua imaginação poderosa, a tortura daquellas interrogações, tomava vulto como si crescesse physicamente. Levantou-se e foi á janella.

Havia apenas a luz, a luz infinita do sol, sobre o rio, sobre as casas, sobre as arvores. Uma canôa passava, impellida por negros cujos dorsos nús brilhavam ao sol como a prôa molhada. As aguas, agitando-se, scintillavam. Para o norte, os montes, coroados de igrejas, de Olinda, esbatiam-se numa nevoa de luz.

Porque não eram as almas assim translucidas?

E, inarticulado, rolava, como uma onda, no seu coração, o desejo absurdo de se apoderar de toda a belleza esparsa no mundo e fazer della um motivo de ascensão espiritual.

Perdeu-se em scismas.

Até que baterem á porta e Claudio entrou, acompanhado do primo.

Este viera á pensão da rua da Aurora ver uns livros para fazer uns pontos de exame. Claudio trou-

xera-o ao sahir das aulas e Eugenio pedira a apresentação, sem dizer por que motivo a desejava.

Alfredo Tavares era um rapaz delicado e modesto que se poz a conversar sobre varios e vulgares assumptos. Nada fazia suppôr nelle o doutrinario que apregoavam. E isso para Eugenio era mais um motivo de seducção, descobrindo um espirito harmonioso e comprehensivo.

Elles estavam um diante do outro como dois corações que se perscrutam.

Claudio é que, mal os tinha posto á vontade, pediu licença para retirar-se, dizendo que ia fallar com Laura.

—Ella está ahi. Você viu?

—Quem é ella? perguntou Eugenio.

—Mas, você não conhece — senhor? E' a sobrinha da dona da pensão.

E Claudio explicou, scandalizado, para o Alfredo que Eugenio era assim: morava na pensão há seis mezes e nem conhecia uma moça que ia lá todas as semanas e namorava com todos os rapazes.

—Vive dentro do quarto, como uma freira na cella.

Alfredo declarou que nunca havia morado em pensões mas desconfiava de que fosse aquelle o unico meio de viver bem.

—Pelo menos, foi o unico que se deu com o meu temperamento, explicou Eugenio.

E elles se puzeram a fallar sobre a vida pelas pensões, longe do seio das familias. Alfredo parecia comprehender mas Claudio mangava daquellas sentimentalidades.

Foram conversando lentamente, até que Claudio insistiu em ir ver Laura. E Alfredo despediu-se. Eugenio sentiu que já lhe queria bem, só porque elle tinha uma certa tristeza que indicava humildade diante da vida poderosa.



EM CLAUDIO LYRA, o amor de si mesmo se fazia, quando elle considerava os homens individualmente, um grande desejo de os ver cahir e peccar. Toda vez que sabia de uma fraqueza, de um deslize de conducta, sahia pelas ruas até encontrar alguém a quem interessasse a noticia, para contar, com minudencias, o que soubera.

Depois, concluia :

—É por isso que eu não tenho amigos. Essa historia de amizade desinteressada, amizade verdadeira, é muito difficil.

Mas, o que elle tinha realmente era a incompreensão de seu proprio coração. Não se sabendo harmonizar com os outros homens, elle fazia de seus despeitos recursos para ter bôas idéas de si mesmo. Eram esses despeitos que lhe revelavam sua existencia individual. E elle pensava que o amor não conduzisse mais do que a uma fusão da personalidade, a uma indistincção.

Era para nunca deixar de pensar em si, para ser alguém, facil a todas as vistas, que elle, intelligente mas superficial, fingia attitudes nobres do mesmo modo que fingia vicios. E ainda que a sensualidade não fosse forte nelle, com um temperamento quieto e sereno, apparentava lubricidades para agradar á maior parte dos companheiros.

Namorava moças pobres—costureiras, operarias, em geral morenas e com traços de inferioridade ethnica, porque então se deduzia nenhuma affeição mais seria andar por ali. Elle que as tratava respeitosa-mente, que era incapaz de as convidar para uma de-

pravação, trabalhava para ver em torno de si essa fama de conquistador vulgar.

Começou a namorar com a sobrinha da dona da pensão. Laura vinha frequentemente visitar a tia, afim de passar horas inteiras conversando com os rapazes.

Claudio, na frente dos outros, dizia-lhe graças e galanteios.

Realmente, em tudo a parte principal cabia a Laura. Claudio, fóra do que dizia quando estava acompanhado, era até respeitoso e tímido. Ella é que avançava intimidades, batendo-lhe nos hombros, roçando-lhe as pernas, deixando as mãos nas delles. Claudio ficava atarantado e vermelho. Ria-se apenas.

Nascida e criada na rua de Hortas, Laura, aos doze annos, tinha o primeiro namorado,—um garoto que estudava no Gymnasio Pernambucano e só passava pela casa della com um cigarro na bocca, dando-se ares de homem. Esse foi o primeiro. Dahi por diante, não houve mais uma semana sem um. Havia mezes de cinco e seis. Alguns passavam annos, indo e voltando. E todos elles lhe tinham dei-

xado a lembrança de sensualismos que despertavam e eram exigentes.

Reconhecendo em Claudio um rapaz de outro meio, com outra educação, sentiu por elle uma inclinação maior, em que havia muito de curiosidade dos sentidos. A propria displicencia delle era um encanto novo. Continuou o namoro.

E, naquella tarde, Claudio, tendo deixado o Alfredo, dirigiu-se a ella.

—Laura ! Você está custando tanto a apparecer por aqui ! Até parece que me quer matar de saudades . . .

Disse em tom de brincado. Mas, ella respondeu :

—Ora essa ! Eu é que não hei de estar aqui, todos os dias. Quer me ver ? vá lá em casa. Vive escondido como um nenem e quer ter amiguinhas . . .

Como um nenem . . . Claudio não ouviu o resto.

Ahi estava a alhada em que se metterá.

Elle sabia bem o que significava para uma menina daquellas semelhante qualificativo applicado a

um rapaz. Era o descredito completo. E era, ainda mais, a divulgação impiedosa de uma timidez que não existia mas se confundia com a indiferença que pensava dedicar a Laura.

Quiz salvar-se :

—Pois, eu vou fazer-lhe hoje uma visita.

—Quem ? você ? Só você mesmo.

Elle ficava cada vez mais confuso, imaginando nella convicções que o desagradavam.

—Bem . . . Você vae ver.

—Olhe que eu espero !

—Espere.

E á noite, ella estava, como de costume, á janella quando Claudio appareceu, embora um bocado contrafeito.

A'quella hora, toda a gente da rua se distribuia pelas calçadas, fazendo mansamente a digestão do jantar. E começava tambem o desfile dos namorados, fazendo curtos passeios, parando ás esquinas, esperando occasião de fallar com as moças. Apezar do habito, corriam rumores, todos querendo saber de quem eram os namorados novos que appareciam.

Claudio percebia interrogações quando passava e gosava embevecidamente a sensação que pensava estar produzindo nos grupos, ás portas das casas. Levantava-se nelle a consciencia de ser um typo elegantissimo, commovendo as moças e despertando attenção. Dava, então, um rythmo exquisito ao mover dos braços, para se tornar mais elegante ainda. E caminhava airosamente no calçamento ruim.

Foi Laura que falou primeiro :

—Oh ! Veio sempre . . .

Elle se encostou á parede, disposto a conversar. Mas, era a primeira vez que tinha uma namorada de conversar na janella. E disse, com certa hesitação, uma mentira que julgou lisongeal-a :

—Vim. Mas você não sabe o que isso me custou. . . Vou brigar com minha namorada.

—Sua namorada ? . . .

—Ella vae ficar zangada commigo mas eu não me importo porque você é mais bonita. . .

Na tarde seguinte, Claudio pensou em não ir á rua de Hortas. Que sahiria ganhando daquella conversa tola, todas as noites, num buraco da cidade? Comtudo, um vago desejo de estar junto de Laura, sentir-lhe não o perfume barato mas um outro que vinha della mesma e era o seu perfume de mulher, apertar-lhe os dedos, gosar-lhe os contactos—levou-o até lá.

A sensualidade despertava nelle, junto daquella mulherzinha morena e magra, toda ella muito viva e muito esperta, pela pratica intensiva do namoro e trazendo os nervos incessantemente excitados. Claudio não se conhecia e não podia defender-se. Foram avançando intimidades.

O enlevo daquella primeira febre sensual não lhe permittia reflectir sobre o declive em que rolavam, ignorando o instante justo e difficil de parar.

Um domingo, Laura disse em casa que ia juntar-se a umas amigas para irem todas ao cinema. Era uma historia commum mas, naquella tarde, as amigas não a viram.

Claudio é que estava á sua espera, no cinema

completamente cheio, cheio da população do bairro, inquieta e palradora.

Dentro da obscuridade, Laura adquiria encantos novos e Claudio entontecia-se de uma loucura que subia dos sentidos, tomava-lhe a cabeça, vencia-o.

Deram para frequentar o cinema até que, os sentidos insatisfeitos exigindo mais, prolongaram os seus passeios até a escuridão propícia do Pina.



ALFREDO TAVARES estava absorvendo as atenções, dentro da Faculdade.

No meio de uma porção de moços desorientados e espiritualmente inúteis, á falta de uma disciplina que a raça não lhes deu e a educação lhes negou, elle appareceu a muitos como o realizador do ideal que tinham. Porque a verdade é que elles tinham ideaes: tão somente, descobril-os e alcançal-os com

as unicas forças individuaes num ambiente adverso,—ahi estava uma tarefa que exigia temperamentos de martyr e de heroe.

E Alfredo conseguira teimosamente esquecer certas exigencias do corpo e da sociedade. Era pobre e andava mal vestido, mas não se incomodava com essas coisas e vivia para suas leituras. O drama silencioso de sua vida, o seu idealismo e as forças de sua razão a que jamais ninguem ajudara, levaram-n'o ao socialismo, como um processo para haver felicidade sobre a terra.

Mas, por uma especie de instincto salvador, embora vivesse a delinear a reforma do mundo, não se moveria para fazel-a. Acima das sociedades e das suas condições economicas, dizia-lhe esse instincto, estava a realidade suprema de seu espirito e de todos os outros espiritos que se torturavam pela verdade e pela belleza, amesquinhas toda vez que os homens queriam implantal-as na terra, fazendo-as materiaes e palpaveis. Quando pensava em seu espirito e em sua cultura, elle esquecia os seus ideaes sociaes e dava-se então que, justamente ao fallar com os

companheiros, é que se punha a defendel-os e divulgar-os.

Os rapazes admiravam-n'o e applaudiam-n'o. Sobretudo, elle já conquistara uma convicção e agia para ella.

Mas, era tambem que elles não sabiam até onde o bom senso devia influir nas verdades scientificas, porque deduziam da historia de sua terra que havia duas ordens no mundo: a vida e a sciencia.

A principio, era a vida apenas, segundo uma certa philosophia aprendida com os jesuitas de Portugal e os frades de toda especie, a qual explicava as coisas communs e dizia que, no começo do movimento, havia um Deus movimentador. Veio depois a sciencia, com o materialismo e com a evolução. A vida que tinham, era uma repercussão dos velhos modelos. A sciencia devia contrarial-a. Tudo que a contrariasse, era sciencia.

Em torno de Alfredo Tavares cresceu logo um grupo de discipulos que apenas sympathizavam as suas ideas. Não as estudavam e cada um era diferente.

Delles, o mais destacado era o Bemvenuto Caminha, pela violencia. Herdeiro de uma mentalidade de chefe politico de aldeia, especialista em arrancar presos ás mãos dos policiaes, Bemvenuto tinha apenas o desejo de uma subversão em que pudesse subir facilmente. Tudo nelle era máu humor contra os que podiam mandar.

A seus olhos, Alfredo era um pobre sonhador inoffensivo e inutil, que resolveu arrastar para um movimento amplo e decisivo, capaz de lhe dar alguma posição, naquelle anno em que ia sahir da Faculdade.

Quando Alfredo se despediu de Eugenio e Claudio, ficou ainda pela cidade. Só á noitinha chegou em casa, na Torre, onde morava, em companhia de sua mãe viuva, sexagenaria e humilde.

Esperava-o Bemvenuto. E começou dizendo que as ultimas greves tinham demonstrado um notavel gráu de cohesão entre os trabalhadores das diferentes industrias. Agitava-se agora a successão governamental e fallava-se num candidato conhecido pela sua intolerancia.

—Você sabe, Alfredo, que nessa republica em que vivemos, as leis mais liberaes não garantem a ninguem. Estamos dependentes da vontade do primeiro tyrannete que apparecer. O dr. José Pacheco, acostumado a surrar trabalhadores na usina, vae fazer um governo de horrivel oppressão, desorganizando tudo que já temos feito.

Sentado num sofá de junco, Alfredo ouvia calado, opprimido por aquella perspectiva e desejando uma consciencia unanime capaz de suscitar as grandes agitações redemptoras.

Bemvenuto alvitrava :

--Em vista dessa ameaça e considerando-se a nossa força, eu acho que deviamos tentar um golpe definitivo . . .

Alfredo desejava-o tambem no fundo do coração, mas não achava na intelligencia um meio de fallar aos homens, interessal-os, commovel-os. Parecia-lhe serem todos tão egoistas que nenhum deixaria o seu ordenado, a paz de sua familia, a quietude de sua vida quotidiana para se metter numa revolução.

Bemvenuto suggeria os nomes dos chefes proletarios a quem se devia fallar sobre o projecto, enumerava as forças que estavam mobilizadas. Na sua exposição, tudo era facil. Mas Alfredo hesitava :

—E si tudo vier a falhar na ultima hora ?

—Não falha, garanto. Si falhar, é uma demonstração de que a idéa é capaz de agitações. Mas, não falha. Só se daria isso no caso de serem os chefes os primeiros a descreer, porque a coragem das massas, do grosso das tropas está segura.

Alfredo, com os olhos postos na parede caiada, convencencia-se sem pensar. Quando decidiram uma conferencia com varios outros chefes communistas, Alfredo trouxe Bemvenuto até a porta.

A casa em que elle morava era um pequeno chalé, rodeado de um jardim em que floresciaam madressilvas, jasmims e açucenas. A um canto da cerca, uma lorangeira começava a enflorar.

Na rua humilde não havia illuminação e só a doce luz do crescente cahia sobre as casas irregulares

e sobre areia muito branca e muito fria do chão. No silencio, vinha de longe um rumor de vozes de meninos a brincar.

As habitações eram todas do mesmo typo,— as melhores como a de Alfredo e as outras verdadeiramente miseraveis, de taipa sem reboco, cobertas de zinco, guardando dentro a infinita amargura dos homens que não tinham o dinheiro proporcionador do mando, da fartura, da felicidade na terra.

Imponderavel como a ventura, o luar envolvia o bairro pobre de uma terna e generosa belleza que parecia distante porque os olhos que a viam não conseguiam apoderar-se della.

Alfredo parou encantado, como si novos sentidos desabrochassem nelle para a percepção voluptuosa do luar e do céu que o luar azulescia e da terra que o luar enchia de graça e de sonho. Crescia na sua alma pura o desejo maravilhoso de reformar o mundo, de distribuir nos corações todos, inclusive no seu—tão cansado dos choques entre a vida e a aspiração—a felicidade completa. Parecia-lhe que daquellas casas miseraveis estava subindo uma oração

dolorosa para os céus vãos. Felizmente, porque não houvesse no céu Deus nenhum, andavam pela terra homens justos, incarnando os attributos dados á divindade pelo sonho dos infelizes. . .

VII

FAZIA quasi uma hora que Paulo começara a vestir-se para ir á festa do Club Diversional Olindense que dava a segunda reunião daquella temporada. Yvette fizera-o entrar como socio, para lá se encontrar mais demoradamente com elle. E já uma vez se tinham encontrado. Mas, agora, de vez em quando, elle se detinha a reflectir, a imaginar,

e a resolução se tornava sempre mais difficil : devia ou não attender ao convite da namorada?

Positivamente, era mistér esclarecer aquillo, bem como toda a sua situação, e era estranho o modo como elle se sentia nervoso e agitado.

Comprehendia tudo, sem illusão: gostava de Yvette. Apaixonara-se.

Para a tristeza que trazia nalma, era como si um anjo passasse a espalhar doçuras, quando pensava no seu vulto esguio e gracil, na sua voz, no seu olhar. Phrases amaveis que em outras teriam passado despercebidas, tomavam, nos seus labios, um sentido consolador e benefico. E elle sentia-se bem ao tel-a-junto de si, como si fosse uma sombra carinhosa a que se acolhesse.

Mas, tudo isso não chegava a tirar-lhe o habito da analyse. E elle descobrira em Yvette uma certa superficialidade que contrariava radicalmente todas as suas esperanças e todas as suas inclinações.

Ella era intelligente e bôa. Si não tinha uma vasta instrucção, tinha razoavel cultivo. Mas, em vez de ter sido criada num lar sereno e recatado, desde

menina era para faceis alegrias que se voltava, no meio de amigas banalissimas.

Cinemas, dansas, flirts tôlos. Adorava reuniões futeis, conversava longo tempo sobre os incidentes de uma sociedade sem finura nem espirito.

Procurando ver o que o afastava della, Paulo não lhe encontrava defeito algum preciso. Já era, porém, invencivel a consciencia de que ella estava distante, mercê de uma coisa que ella só conseguia definir, pallidamente, como falta de seriedade interior. Tinha a certeza, bebida em mil attitudes momentaneas, de que si lhe contasse as suas complexidades espirituaes, ella não reconheceria que aquillo era o melhor que havia nelle . . . Ella não o amaria mais porque elle tivesse um pensamento que soffria . . .

E como elle estivesse esperando de sua inquietude, uma revelação superior, esse pensamento lhe foi intoleravel.

Lembrou-se da docilidade com que as mulheres obedecem ao amor: amando-o, ella saberia caminhar até elle, sem que nenhum dos dois o sentisse. . . Julgou que houvesse em seus actuaes pensamentos uma irri-

tação passageira. Sondou todos os remedios, todas as desculpas. A convicção era forte.

Já desde muito tempo que o vinha notando, mesmo quando passeiavam sosinhos, fallando apenas um para o outro. Quando a viu, porém, na primeira festa, é que aquillo cresceu na sua alma como um fermento.

Calou-se e examinou-a: sentindo-se bem, ella se fizera futil. Perdera a justeza de pensamentos que outr'ora revelava. E os gestos insignificantes, gestos que elle vira em outras e achara até graciosos, pareciam-lhe um gesto só de repulsão e afastamento.

Foi então que começou a hesitar tristemente o seu amor. O seu pobre amor era uma exigencia do espirito que se julgava inutil e buscava reconhecer, levado pelo instincto de criação, as forças fecundas que possuia. Yvette não o auxiliaria nessa pesquisa.

E pensava em abandonal-a, embora soubesse que por elle abandonara ella um namorado antigo de quem era quasi noiva. Lembrando-se disso, Paulo teve um grito de desespero :

—Por que não os deixei viver lá a sua vida?

Desmanchou raivosamente o laço negro da gravata e deixou-se cahir sobre um sofá.

Pouco a pouco, foi recompondo a imaginação.

Seria tão bom que pudesse trazel-a para aquella casa, pondo a sua subtileza feminina no meio da solidão desolada! Como lhe animaria a vida a graça com que ella lhe rebatia os galanteios!

E a angustia voltou: qual das duas Yvettes que elle agora conhecia, havia de ficar, como a legitima, a verdadeira? O mysterio de seu atavismo e de sua educação para que lado a faria pender? Porque Paulo fazia do nomesinho irritante um symbolo do que os paes lhe haviam de ter dado...

Essas idéas luctavam nelle com o amor e o embate era confuso, inintelligivel. Só percebia bem a angustia que lhe tomava o coração e era grande.

Levantou-se, chegou á janella. No céu negro, scintillava um milhão de estrellas. Elle não lhes sabia o nome, não conhecia nem uma constellação. E ellas eram lindas assim, dispersas e ignoradas. Na sombra da noite, sombras mais densas se agitavam, no alto.

Paulo sabia que eram coqueiros. Mas, aquella vaga agitação de coisas indefinidas, dentro da treva, amedrontou-o. Entrou.

E resolveu não ir ao Club onde Yvette o esperava.

VIII

PAULO tomou o braço de Eugenio e começaram a andar.

Era na rua da Aurora e anoitecia. O rio caminhava junto, sem pressa, entre as amuradas do caes. E elles se approximavam do centro da cidade onde a vida era mais intensa, áquella hora.

Eugenio dizia que já não estavam longe os exa-

meu e apparecia-lhe a obrigação de deixar de lado o trabalho que vinha fazendo para se entregar ao estudo das disciplinas do anno.

—Acredite que vae ser uma horrivel perturbação, mas é preciso. Eu cheguei a pensar em pôr de lado esse curso que me enfastia, e cuidar de mim.

—Cuidar em que? Siga lá a sua carreira, homem. Você, outro dia, não me fallava com tanto entusiasmo no prazer de seu pae ao vel-o formado?

—Eu me lembrei disso, Paulo, retrucou Eugenio, pensativamente. E foi por isso que nada resolvi ou resolvi ficar onde estou. Mas, minha vida cada vez se torna mais complexa. Eu não sei o que quero, mas quero absolutamente alguma coisa.

Repetiu com tristeza :

—Eu não sei o que quero... A's vezes, parece que, si me puzer a estudar uma sciencia qualquer, absorventemente, isso passa. Mas, depois hesito. A intelligencia, o trabalho da intelligencia é para mim menos nobre do que... do que...

—Do que a vida talvez, lembrou Paulo.

—Sim, do que a vida, digamos. Mas a vida no

seu sentido mais individual, mais profundo para dentro de nós. Eu não sei como isso é!

Elles tinham parado sem sentir e, sem sentir, encostaram-se ambos á balaustrada do caes, olhando as aguas que tremiam e *marulhavam* de encontro ás amuradas.

Eugenio procurava uma explicação mais precisa para dar, de sua situação, quando Paulo começou a fallar, lentamente :

—Com certeza, que a intelligencia em nós é inferior á nossa vida. Basta dizer que ella é puramente espiritual e não está, portanto, no seu ambiente proprio, quando está dentro dos homens. Ella não está se realizando mas ajudando a nossa realização como um elemento indispensavel, como a mais valiosa das servas. Isso quer dizer que a nossa actividade tem de transcendel-a, tem de abranger mais do que ella.

—Mas, qual será então a nossa actividade ?, insistiu Eugenio que em nada participava da placidez com que fallava o outro. Que é que havemos de fazer? Você quererá que eu me ande diluindo em sentimentalismos, pela vida afóra?

Paulo levantou os olhos da agua negra onde as estrellas do céu e as luzes da cidade tremiam igualmente. Voltou-se para fitar Eugenio :

—Você vae deixar-me agora ser cathedratico e meticoloso . . . Eu comecei a estudar philosophia. Estou na commoção do primeiro encontro e escute o que aprendi. Aprendi que cada ser, animal ou coisa, tem um principio interior que constitue a sua essencia, que o constitue em sua natureza e em seu character. Em nós, homens, esse principio que nos fórma, comprehende a nossa menor actividade e comprehende todas as nossas actividades. Estão nelle nossa intelligencia e nosso sentimento, a investigação intellectual mais alta como a propria acção sexual, a lucta para ganhar dinheiro como o amor aos paes ou aos filhos . . . E' a alma que faz tudo isso. E nós só podemos viver com harmonia e acerto, depois de conceitual-a e precisal-a em sua justa missão.

Elle fez silencio e Eugenio não respondeu. Sempre que Paulo dizia alguma de suas concepções, era como si se fizesse nelle o clarão de uma evidencia, —como agora, como quando elle fallara na ordem e

na desordem . . . Depois—fôra assim da outra vez, —aquillo se distanciava: em lugar de dominar e permanecer, afastava-se e empallidecia.

Tinha impetos de perguntar como Paulo chegara áquellas conclusões, mas a amizade não desfizera nelle o pudor e mesmo não lhe era amavel, por uma ponta de orgulho, representar diante do outro uma docil figura de aprendiz.

Assim, foi quasi involuntariamente que lhe sahiu dos labios a pergunta :

—Você conceituou?

Paulo teve como um estremecimento e deixou cahir em voz mais baixa e mais triste:

—Eu estudo.

E retomaram o caminho.

Tinham atravessado a ponte da Boa Vista e seguiam pela rua Nova, quando Claudio lhes surgiu, desembocando da Cambôa do Carmo. Deteve-se a fallar com Eugenio e, feitas as apresentações, Claudio que vinha loquaz e contente, communicou :

—Sabem? vou a uma sessão comica e civica... Gosto de colleccional-as... Sempre que há uma dessas sessõesinhas, com seus adoraveis discursos, eu vou ouvir e rir-me.

—Pois, é estranho que vá rir-se. O orador de hoje tem muita fama.

—E' por isso, disse o Claudio com malicia. E' porque elle faz a gente rir-se...

E Claudio poz-se a fallar da decadencia litteraria de sua terra. A certa altura, contrariou elle mesmo :

—Aliás, talvez não se possa fallar em decadencia, porque nunca houve coisa maior. O que sempre existiu por aqui, foram as panellinhas camaradas e cortezes e a maledicencia quieta e segura dos recantos.

E subiram todos para o primeiro andar onde se realizava a assembléa. Ali estiveram, cerca de uma hora, ouvindo parte dos discursos pronunciados diante de uma platea sem animação, friamente esperando o momento de bater as palmas de praxe. A' meza, cochilava o presidente, enquanto o secretario redigia e copiava uma noticia que havia de mandar para os jornaes. No meio de toda aquella tranquillidade somnolenta, o orador vibrava de enthusiasmo, dizendo as suas exclamações que tinham, em media, cincoenta annos de existencia avulsa.

Passaram no ar da sala todas as datas de revoluções em Pernambuco, a velha affirmação de tendencias liberaes, a historia toda do Brasil explicada como um encaminhamento para a proclamação de Deodoro.

Paulo murmurou que ia embora e despediu-se de Claudio que ficava com outro rapaz. Desceu com Eugenio e cá fóra respirou aliviado :

— Ainda não mudaram, desde que eu me considero gente ! Nada aprenderam e não nos ensinam novidade. Ah ! os nossos mestres, os nossos mestres . . .

Não sabia que com isso tocava a convicção mais clara de Eugenio que fallou :

— Ah! Toda a nossa geração mais velha! Si somos o que se está vendo, devemos-lhe o favor...

— Faça as distincções necessarias, emendou Paulo.

— Não é preciso porque eu fallo geralmente. Fallo do ensino que chegou até nós, sem força de cohesão e sem grandeza. Claro que não estão ahi as excepções e que eu resalvo, na acção de cada um, o que ella podia ter de fundamental e honesto.

E á maneira que caminhavam na rua quieta, Eugenio expunha que a elles, rapazes do Brasil, cabia naquella hora um destino immenso :

— Você vê como o mundo inteiro é presa da agitação intellectual, como a intelligencia desencadeia luctas. Vê a Russia, a Italia, a França... Ahi está a Asia erguendo-se contra a Europa. O que vae ser da America? A America ingleza, já se sabe mais ou menos o que tem de ser. Mas, a iberica, a que nasceu de Portugal e Hespanha? E nós, qual será o nosso papel no mundo?

—Eu olho para isso com optimismo, disse Paulo.

—Eu, não. Qualquer que seja a nossa tarefa, é necessario que nos organizemos para desempenhal-a e nós estamos perfeitamente desorganizados. Você negará, por acaso, a desorientação politica, philosophica, litteraria,—intellectual, em summa, em que vivemos? Ou achará que se esteja esboçando contra isso alguma reacção energica?

Paulo respondeu, sereno:

—Eu creio nas virtudes da ordem.

Elles tinham feito a volta da rua Nova e da rua do Imperador. Estavam no jardim da Praça da Republica, com as suas arvores velhas e as suas palmeiras altas. Sentaram-se em um banco.

—A alma sempre é mais poderosa e a ordem é a sua mais nobre manifestação. A' primeira oportunidade, ella apparece e nos redime. Não há homem em que não exista um vislumbre della.

—Você crê na bondade natural . . . ironizou o outro.

—Não creio, não. Mas sei que em nós luctam o bem e o mal. E o bem pode ter sempre as suas

reacções. O remorso não é um clarão delle na consciencia que o mal domina? O remorso, o medo de um perigo e tantas outras coisas podem dar um impulso á alma, a alma desperta e se rehabilita. Assim tambem na vida das nações: o Brasil pode estremece e achar o caminho justo.

—Elle como vae, não estremece nem na hora da morte . . .

Paulo poz a mão sobre o hombro do amigo e encarou-o :

— Eugenio, você deve reconhecer uma parte maior ao mysterio na vida humana.

Fazia uma athmosphera acariciante. Parecia que a cidade estava muito longe, com as suas inquietações e as suas concorrencias. E elles se sentiam bem, fallando devagar sobre as incertezas tristes da vida.

IX

— **V**OCÊ não fallou commigo . . .

Yvette não respondeu. Continuava indiferente. De tão indiferente e linda, parecia alta, superior, pairando acima delle e de todas as forças humanas que se erguessem para attingil-a.

— Custava ter fallado ?

A resposta que ouviu, fel-o humilhar-se ainda mais:

—Si não custasse, eu tinha fallado . . .

Estava visto que ella, realmente, não lhe queria bem algum. E elle era, junto della, uma coisa inutil e, talvez, odiosa. Aquella serenidade orgulhosa e inflexivel ultrapassava todos os limites possiveis da crueldade diante de um homem apaixonado e vencido. Poderia tel-o despedido com um gesto carinhoso mas preferiu maltratal-o, pisal-o.

Elle não tinha mais o que fazer ali. Tudo estava resolvido e claro. No entanto, inconscientemente ia ficando. Esperava, sem saber, um arrependimento, uma doçura. E, depois, junto della sempre era menos doloroso . . . E um sentimento que desconhecia, empurrava-o para a frente, para saber mais, para indagar.

—Custava . . . commigo só ou com os outros tambem ?

—Com os outros, não . . .

E elle teimava em ficar, reduzido, insignificante, como si nada fosse. Mas, ergueu-se e começou a afastar-se. E quando se afastou, tinha as mãos crispadas e vergara a cabeça.

Veio caminhando devagar, desalentado. Desceu o Bomfim onde se encontrara com Yvette que subia do Carmo, e tomou pela avenida Sigismundo.

A principio, ainda alimentara alguma duvida, tivera alguma esperança de que fosse passageiro o namoro de Yvette com Paulo. Mas, agora nenhuma illusão era possivel: irritada porque o outro não comparecera á dança nem fôra dar-lhe explicações, ella vingava-se sobre elle.

No entanto, elle deixara-se prender aos seus encantos, há trez annos. Pensava em casar-se. Amava-a. E eis que vinha um outro, arrancava-a facilmente de suas mãos e ella deixava-se ir, embevecida e feliz . . .

Odiou-a. Mas, odiou sobretudo a si mesmo. Porque si Paulo a vencera e vencera a elle tambem assim facilmente, é por ser mais forte, por ter qualidades superiores ás delle. Não sabia quaes fossem, mas o certo é que elle era mais forte..

E chorava a sua fraqueza. Olhava para o céu, para as casas, para tudo, sem ver. Como que a alma se encolhia dentro delle, retezando-lhe os musculos. Parecia que a vida estava sem remedio.

A' altura do Varadouro, vinha um bonde. Elle fitava sem prestar attenção, mas, de repente, viu Paulo que vinha do Recife e descia do carro. Desceu e seguiu para casa, passando pela usina da luz e pela igreja dos Milagres.

Firmino em quem a vontade se detivera, poz-se a acompanhal-o, á distancia. Era como si Paulo o attrahisse por um magnetismo qualquer que o dispensasse de se governar a si mesmo, que o dispensasse de todos os esforços. Não percebia que andava.

Mas, dahi a pouco, não se conteve. Uma ancia de destruição cresceu nelle, incoercivelmente. Queria acabar com as suas mãos alguma coisa para demonstrar que não era tão fraco como se pensara, que luctaria e o outro não o havia de vencer. Naturalmente, a attenção fixa em Paulo, avançou para elle que nem se voltava.

E quando se achava perto, atirou-se sobre elle.

Não souberam os dois homens o que se passava. Nenhum delles reconstituiria, depois, a lucta. Mas, excitados um pelo susto da aggressão e o ou-

tro pelo odio, bateram-se silenciosa, tenazmente, num corpo a corpo de atletas.

Quando a consciencia se fez em Paulo, elle estava sentado sobre um homem estendido no chão e procurava esbordoal-o no rosto. Foi o momento mesmo em que viu claramente o inimigo e susteve o gesto : passado o perigo, não havia motivo de bater-lhe. E perguntou :

—Que é que o senhor queria commigo ?

Sob elle, o outro arfava em silencio, sem se defender.

—Que mal eu lhe fiz ?

O outro olhou-o sem odio, envergonhado, confuso. E voltou o rosto, como si procurasse esconder-se de suas vistas.

Paulo pensou em fazel-o fallar mas havia agora uma distensão em seus nervos, uma simples vontade de abandonar, de deixar. E fingiu-se ignorante, para mostrar a grandeza de um vencedor imponente que perdôa :

—Emfim, vá embora. Não repita a brincadeira, que se arrepende. Vá embora.

Como elle se tinha levantado, Firmino levantou-se tambem e, sem sacudir a roupa, sem apanhar o chapéu, poz-se a afastar-se. Sua attitude era tal que Paulo sentiu piedade daquelle homem vencido pela paixão e pelo despeito. Chamou-o :

— Olhe !

Firmino voltou apenas o rosto e este mesmo enfrentando mais o chão do que o rival.

— Escute uma coisa.

Approximaram-se os dois e Paulo fallou, com a sua eterna tranquillidade :

— Você é um rapaz que namorava com Yvette, não é ?

Como Firmino não respondesse, elle que tinha certeza, continuou :

— Eu comprehendo agora porque está irritado commigo. Mas, acredite lealmente que eu não tenho culpa nem sabia.

Firmino pensou que aquella confissão occultasse alguma mentira e sentiu renascer seu odio. Fallou pela primeira vez :

— Foi ella que pediu ao senhor para andar atraz della, não foi ?

—Não. Eu não fallo nisso, retrucou Paulo. Mas, você acha que si ella lhe tivesse um grande affecto, seria eu ou qualquer outro que a faria mudar de opinião?

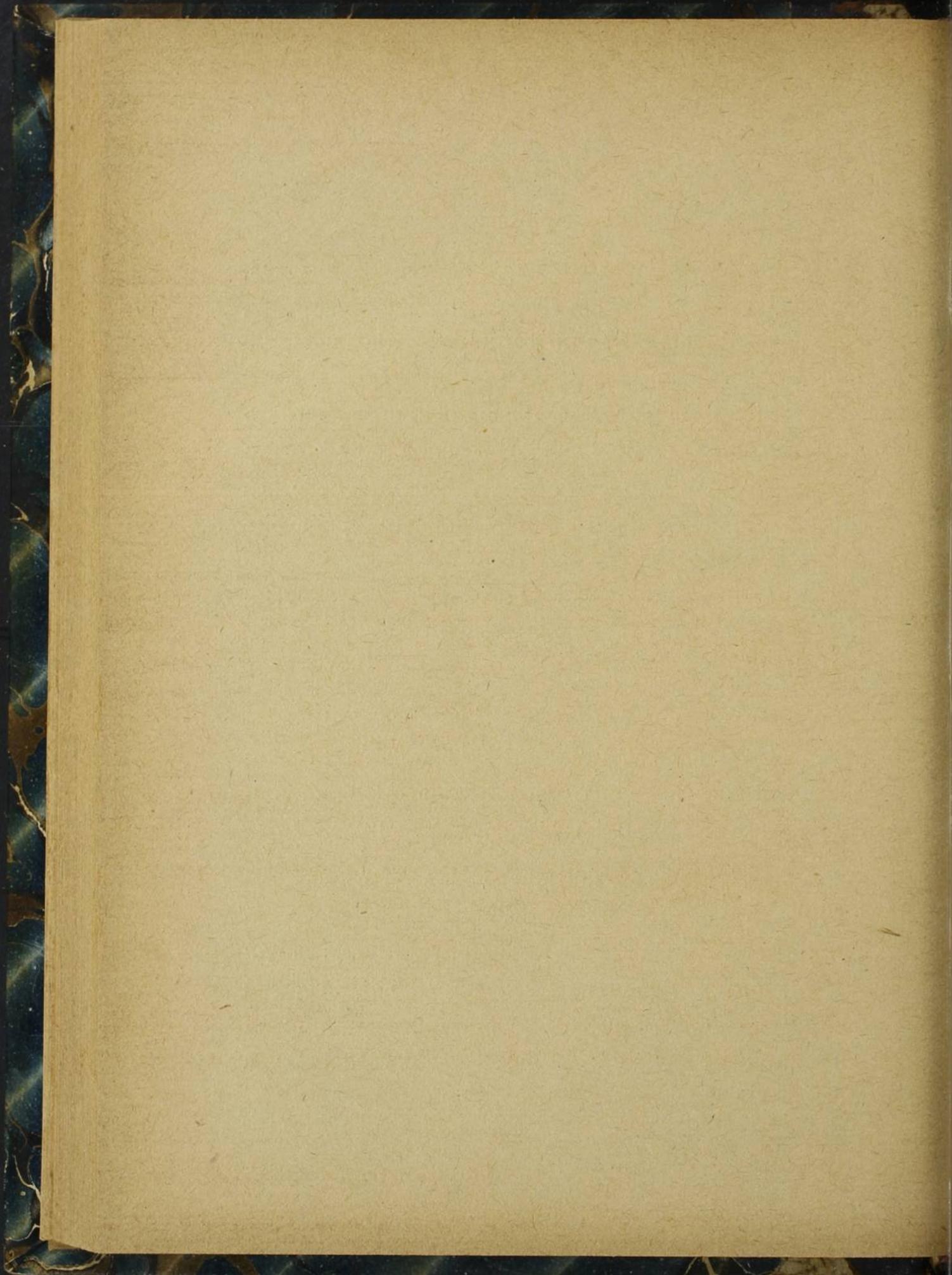
Firmino abrandava-se, menos pelo argumento do que pelo modo como Paulo o expunha. Elle era um temperamento timido e cordato e, diante daquelle homem que a uma violencia contrapunha um raciocinio, sentia-se vexado e sem palavras.

—Meu amigo, o amor é uma fatalidade. Si Yvette tivesse de ser sua, ninguem a tomaria, ninguem. E' a fatalidade, é o destino.

Então o outro abriu-se em confidencias.

—Não, não é o destino. Si o senhor visse como ella me tratou, há pouco, reconheceria que é só vontade de fazer mal, tendencia ruim das mulheres.

A serenidade, só porque parecia conter uma força fecunda, inspirava confiança, attrahia os corações. E Firmino começou a contar, á sombra da igreja antiga dos Milagres, a historia de seu amor ao homem que conquistara a mulher amada por elle, ao homem em cujo peito o amor começava dolorosamente a morrer.



sofina
bases
tregu
viva

EMQUANTO Eugenio se torturava procurando uma finalidade para si mesmo, Paulo soffria a hesitação do seu amor e Alfredo lançava as bases da revolução, Claudio, junto de Laura, entregava-se a gozar a vida.

Era uma verdadeira embriaguez a em que elle vivia, naquelles passeios, acompanhando a namorada.

Tomavam o bonde, saltavam na areia clara do Pina e ficavam completamente á *solta*, enquanto um vento frio soprava do mar e mais os approximava um do outro.

Mas, com a chegada do verão, começou a praia a povoar-se. Claudio alugou uma casinha e foi lá que uma noite os dois corpos se uniram, se enlaçaram como nunca, num indelevel abraço.

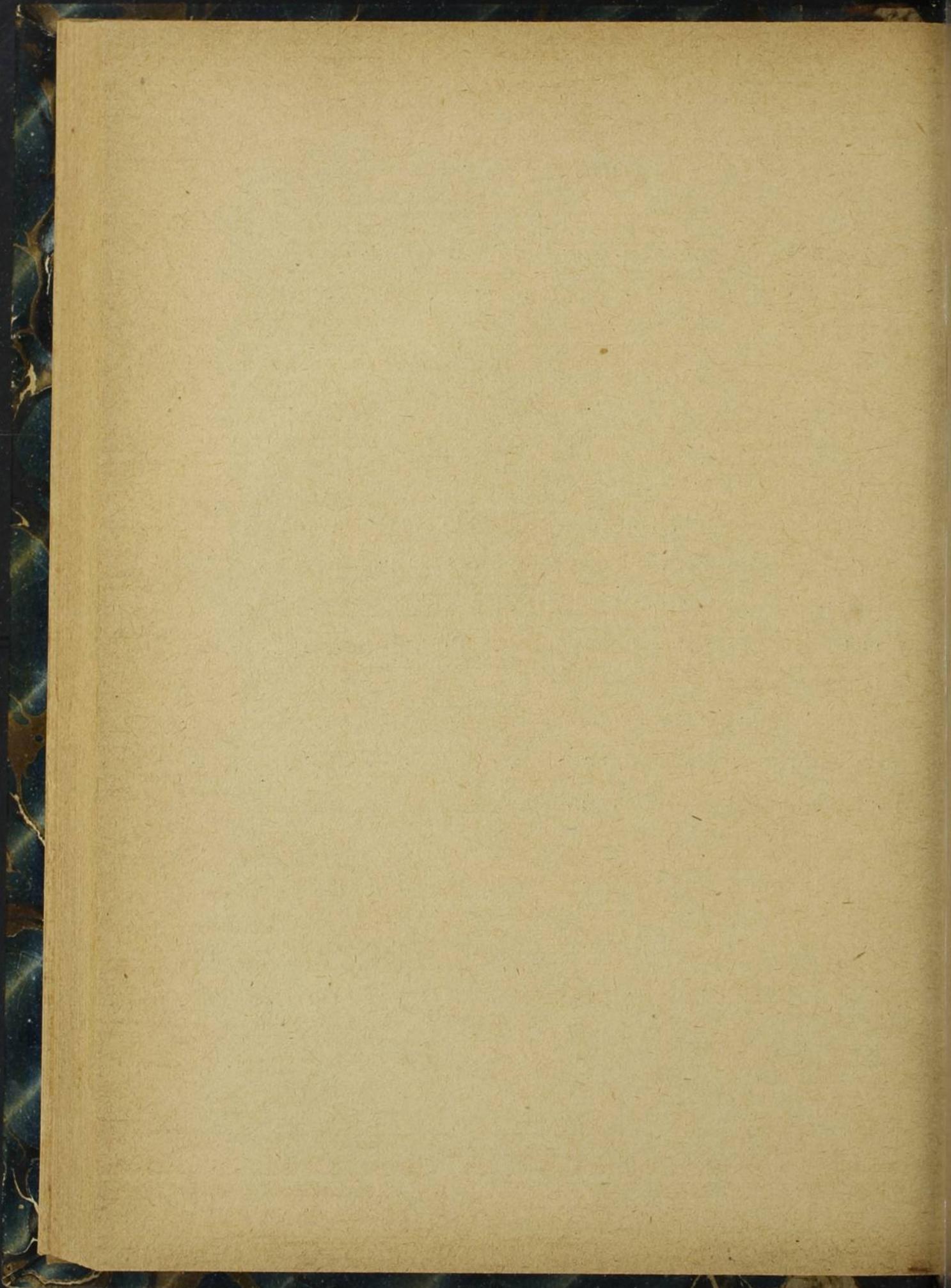
Quando sahiram, uma hora depois, cahia uma neblina fria e silenciosa. Elles vinham calados e sobresaltados, embora reconhecessem que acontecera apenas aquillo por que deviam esperar, dada a intimidade physica em que tinham vivido. Mas, um pudor tardio não os deixava fallar, parecendo extinguir dentro delles os espiritos hesitantes que nada possuíam sobre a terra a que se apegar.

Sosinho, no seu quarto, Claudio teve, de subito, uma forte repugnancia por aquella mulher a quem não respeitara e em cuja companhia praticara uma porção de vicios cuja lembrança, assim a frio, rebaixava-o aos proprios olhos. Porque elle não caminhará gradativamente até aquellas depravações, tinha agora uma miseravel idéa de si mesmo.

Não era remorso nem pena. Era um desejo de não mais a ver nem a ouvir, o que sentia a respeito de Laura.

Ao mesmo tempo, um infinito medo, o medo das responsabilidades que assumira e das exigencias que ella não deixaria de fazer, alarmava o seu animo. Pensou em deixar o Recife, em fugir. Mas, elle estava desacostumado a tudo que não fosse levantar-se ás oito horas, ir á Faculdade e passar as tardes na rua Nova, revolvendo a vida alheia, sonhando exitos faceis e escrevendo, uma vez por outra, o seu artigo para os jornaes.

A necessidade de tomar uma resolução e a certeza de que estava numa volta grave da existencia, abatiam-n'o e aniquilavam-n'o.



XI

MARIA e Clara, as duas companheiras de Yvette, lembraram um passeio sobre a areia da praia, diante da lua que descia no céu. Yvette pediu que esperassem. Ficou junto de Paulo. E ambos guardavam silencio.

Porque Paulo tivera saudades e voltara, mentindo explicações, si bem que não esmaecesse nelle a hesitação amorosa.

A tristeza do namorado começava a interessar a Yvette que lhe queria bem. Ella olhava-o. Elle tinha uma certa belleza de vigor e character nas feições, lembrava uma certa irregularidade de florentino; elle era forte e amavel. Parecia nascido para bem querer e acolher, apezar de uma natural reserva. A's vezes, havia ternuras imprevistas e subtis que o denunciavam.

Yvette notara, porém, que as suas gentilezas diante della, desde algum tempo, como que reclamavam deliberação e estudo, antes de nascer. Eram artificiaes e calculadas. Procuravam apenas continuar uma attitude que perdera toda a significação interior.

Ella adivinhava, porque lhe queria bem, existir nelle um alheimento doloroso, alguma coisa que o forçava a esquecel-a.

Sentia-o com a sua argucia feminina e rondava em torno delle, procurando, mais com o coração que com a intelligencia, mais por amor que por astucia, descobrir os segredos de sua impenetrabilidade.

Paulo fitava o reflexo da lua sobre as ondas. Mas percebia apenas, confusamente, o globo pallido

da lua, os estremecimentos e o rumor das aguas. Atormentado pela duvida, o seu temperamento fazia-o recolher-se em si mesmo, concentrar-se, soffrer.

—Você que é que tem, que está triste ?

Paulo voltou-se para ella e disse, com uma fria correcção que a desolava :

—Eu triste ? Estou não. Eu sempre fui assim calado.

E suas palavras começaram a ter um sentido profundo que elles não alcançavam mas percebiam, como assignalando uma força inarticulada e inconsciente que, em cada um, repellia o outro.

—Pois, eu já o conheci diferente. Muito diferente, por signal . . .

Elle alterou o sorriso e ella pensou que já aquellas allusões não enganavam : estavam seguindo pelo caminho que era mistér seguir. A continuarem, haveria no fim a absoluta clareza necessaria.

—Quando ?

—Quando você me viu pela primeira vez, era até muito fallador . . .

—Era natural pela alegria de ver seus olhos. . . Mas, depois . . .

E elle mentiu, numa instinctiva defeza de seu segredo, para que ella se revelasse, antes de sua confissão :

—Senti que estava ficando escravo . . .

Ëlla teve um clarão de ira nos olhos :

—Paulo, deixe de hypocrisia, por favor !

E si ella não estivesse irada, teria percebido que diante daquella exclamação, houve uma indefinida mudança, talvez na attitude, talvez no sorriso, talvez na alma delle.

—Si você soubesse como eu estou com você, não brincava.

Aquella revelação tão clara e tão simples tocou o sentimento de Paulo. Elle percebeu que Yvette o amava. E como sua alma ansiosa procurava justamente a ternura, o repouso num misericordioso affecto, uma porção de duvidas se dissipou dentro delle, como que por milagre. Desejou estar num lugar menos publico onde pudesse fazer sobre ella um gesto repleto de todo o seu sentimento. Porque, depois do que ella acabava de dizer, só um gesto : só deitar a cabeça della sobre o hombro, por a mão sobre a sua

espadua fragil e pedir perdão docemente ou ficar repetindo, repetindo que não . . . Que não, o que? Que a vida não separava, não separava . . .

E, fosse por que percebesse a mudança, fosse por qualquer mysterio intimo, ella se humilhou :

—Você tem sido tão ruim p'ra mim, Paulo!

—Mas, você me perdôa, Yvette. Perdôa. Eu sou muito esquisito e essa esquisitice chega a ser grosseria. Mas, não é nada, creia.

Repetiu vagarosamente :

—Não é nada.

E fallava agora a verdade porque as palavras della e a emoção que o vencera, affirmavam poderosamente á sua consciencia que tudo era uma duvida sem causa, um espirito de loucura. Yvette era bôa e amavel.

Maria e Clara que se conservavam a um canto da balastrada, perguntaram si elles não se levantavam mais dali. Já se fazia tarde e ellas queriam dar um passeio.

Desceram os quatro para a areia prateada e reluzente sob o luar. Mas aquelle céu claro onde se

desenhavam coqueiros, a luz diafana e doce, as ondas—tudo era apenas scenario. Parecia que tudo estava ali, desde o começo do mundo, á espera de que elles nascessem e se amassem e se torturassem um diante do outro.

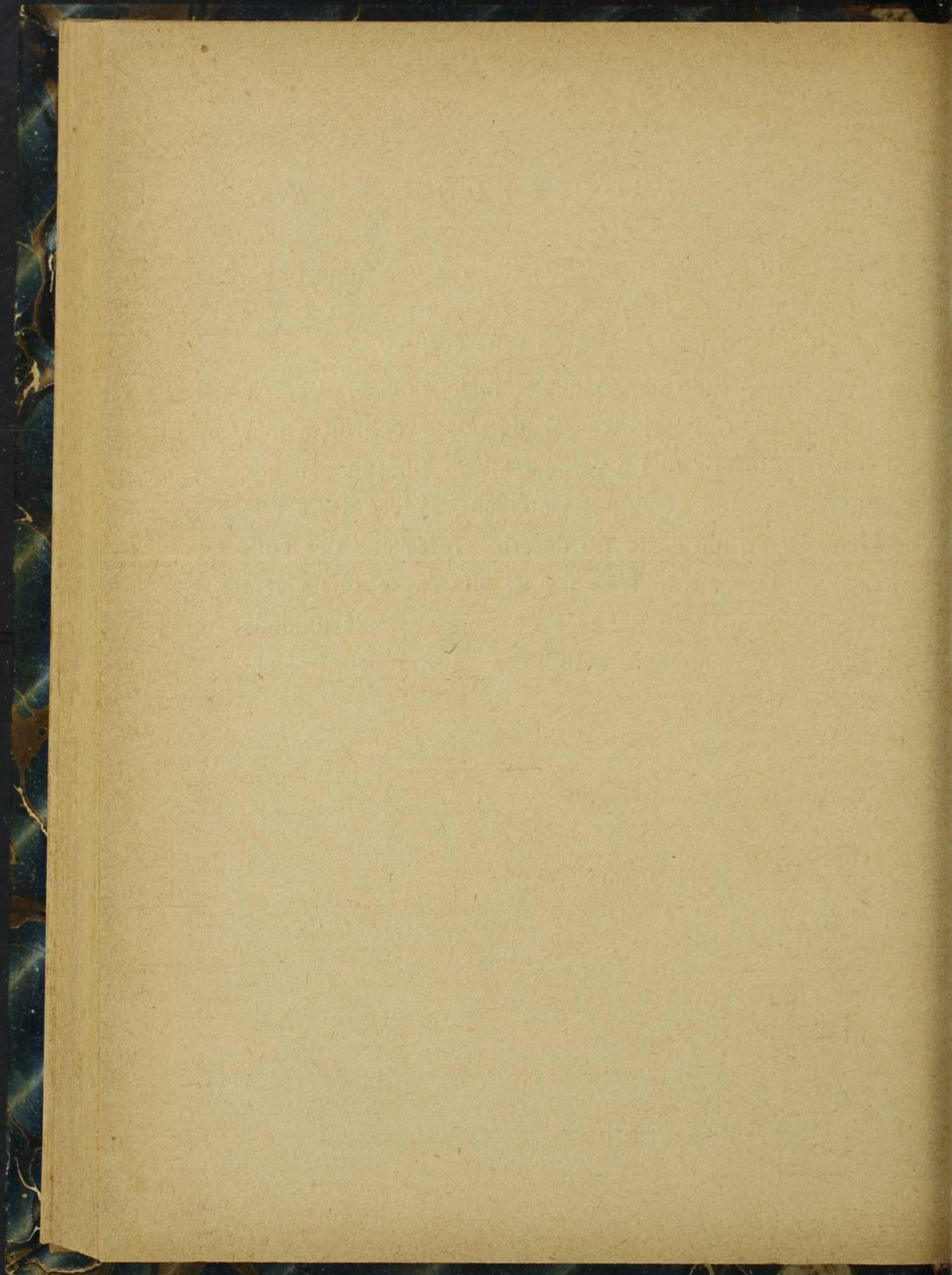
Paulo se desculpava com meias palavras porque queria apenas affirmar o seu affecto, sem a susceptibilizar com a confissão da duvida que o fizera soffrer. Esta tinha sido um sentimento tão contrario á sua inclinação, que elle fazia como um criminoso arrependido mas amedrontado do escandalo que a confissão pudesse causar.

Aquillo durou pouco. Ella parecia tão distante, tão consolada do resentimento que tivera, que elle se sentiu restaurado e alegre. Poz-se a reparar a belleza da noite. Fez participarem da conversa as duas companheiras.

E apertava, de vez em quando, contra seu corpo, o braço de Yvette que segurava, aquella carne macia que despertava volupias em seus dedos, uma volupia fina, repercutindo em tons esbatidos, lá no cerebro. Aquillo instigava-o. Cruzou o braço com o della e

era entre as duas mãos que tinha agora uma outra, pallida á luz do luar, e leve. Aquella posição creava um contacto maior entre os seus corpos.

Mas, tudo despido de materialidade. Crescia nelle não o desejo carnal da posse ephemera mas uma outra voz que a carne tambem possui. E que parece ser um gemido na solidão. Parece ter a melancolia de um canto no deserto. A magua das cousas obrigadas a limitar-se a si mesmas e que vivem sonhando a fusão no seio de uma absoluta unidade que a tudo abranja e a todas as incompletações satisfaça.



da vi
dire
do se
vitar

XII



ENCONTRO com Flavio Ribeiro foi para Eugenio como um appello a mais, da vida completa e perfeita que sonhava.

Esse Flavio Ribeiro era um rapaz que estudara direito no Rio de Janeiro, até o quarto anno. E quando se preparava, para, ao fim do curso, casar-se e voltar para Pernambuco, a rever os paes que tinha

deixado desde os quatorze annos, morreu-lhe a noiva. Elle ficou num lamentavel estado de alma.

Sentiu pela primeira vez uma dolorosa, amarga solidão e, num incontido desejo de conforto que só a terra natal e a familia lhe dariam talvez, embarcou.

Tendo vivido até então na facil superficie das coisas, era chamado a olhal-as com seriedade, procurando uma explicação para aquella violencia do destino sobre sua alma, até então como que livre de dores. Sua existencia percebia-se de subito revolvida, seus planos modificados e desfeitos. Toda a terra lhe parecia immensamente deserta e arida.

Fechou-se em casa dos paes,— um sobrado antigo, a cuja tinta o tempo ia dando tonalidades de mancha velha de sangue. Era uma casa que tinha uns dois seculos; ficava no alto da Misericordia, em Olinda, e abria, de um lado, para a planicie de mangues que o Recife fechava ao fundo e, de outro, para as mattas de cajueiros que terminavam no mar.

Morar ali era como afastar-se do mundo, cujo ruido só remotamente chegava áquelle alto, ligado á planicie por umas ruas de incommodo calçamento co-

lonial, de pedras irregulares dispostas sem cuidado. Capim e espinhos-de-cigano cresciam nas fendas. E as ladeiras cansavam, -- ladeiras do Amparo, da Sé, de S. Francisco. . .

Dentro de casa, era mais forte ainda do que no scenario exterior cheio de luz, immovel sob camadas pesadas de luz, a impressão de que a vida parara. Angela, a mãe de Flavio, era uma leve figura silenciosa e, estendido em sua cadeira de paralytico, pouca attenção dava o pae ao decorrer dos dias.

Flavio apprehendia um doce encanto do facto de se achar na casa paterna, no meio de puras lembranças de sua meninice. Era um bocado orfam. Deixara cedo os paes, em companhia de um tio que morrera no Rio de Janeiro e a adolescencia, vivida longe, num grande turbilhão, como que o afastara vertiginosamente dos seus primeiros affectos. E pensava agora num regresso commovido como o do filho prodigo, em que caminhava para um passado onde nem havia a lembrança de Lourdes, a noiva morta, pondo-lhe uma inquietude de desejos no coração. Havia apenas a vida despreoccupada e feliz.

Em Recife, que quasi desconhecia, Flavio sentia-se estranho, como si aquelles homens e aquellas pedras, no arranco profundo de sua actividade, estivessem dizendo incompreensíveis coisas. O seu refugio era Olinda, socegada e quieta.

Deambulava mysticamente pela cidade velha, apanhando-lhe todos os aspectos e enchendo-se de sua alma. Em casa, lia os livros que lhe relatavam esparsamente a historia, desde a fundação, desde quando Duarte Coelho descera de Itamaracá e Iguarassú e erguera, naquelle mesmo alto, a torre de abrigo e defesa, em torno da qual a cidade floresceu vertiginosamente, durante um seculo. Um seculo apenas ! E já a cidade fulgia e igualava Lisbôa, na voz dos chronicistas. Depois, a lucta e o incendio. E os epicuristas e os gozadores que, dos pulpitos, os padres censuravam, morriam esplendidamente . . .

Passada a provação, ella quizera resurgir mas isso era vago e sem detalhes. Já não existia mais a cidade sosinha, a povoadora. Envolveria-a a vida que nascera della. Em vez de Olinda, havia Pernambuco. Mais tarde, as luctas pela independencia, conturbadas por uma alluvião de idéas aprendidas fóra, sem ne-

nhuma elaboração interior, pela perseguição de um sonho ruim de democratismo politico e de exclusivo progresso material, e apagara-se o sentimento da alma isolada.

Flavio não sabia o que procurava pelo passado afóra, nessas leituras. Sabia que o estudo o divertia e revigorava. Julgava que com isso enchia apenas os seus dias inuteis mas a tarefa tomava-lhe de tal modo o coração que logo reconheceu haver uma causa occulta por traz dessa que era aparente.

Foi sobre isso que fallou com o Eugenio que o conhecera na Faculdade onde elle se matriculara para concluir o curso. Eugenio sympathizara com aquelle moço de ar fino e aristocratico, alheio ás disputas e aos movimentos dos outros.

Uma tarde, tomou ao acaso um bonde de Olinda.

A estrada muita recta era fechada ao fundo por um pedaço de monte, em cujo cimo, recortada em branco, uma igreja surgia, resplandecente de muito cal, no azul puro do céu. A' maneira que avançava, rareavam as casas ladeando a estrada e, ao descer uma ponte, elle viu apparecer a cidade redourada de luz.

A paizagem era simples e encantadora. A estrada seguia, cercada de agua levemente escura que o vento frisava. Em certo ponto, sumia-se, entre uma fileira de casas e um convento rodeado de coqueiros. E, então, no segundo plano ficava a cidade: morros estendidos longitudinalmente, coloridos de arvores entre as quaes se dispunham em desordem telhados escuros, paredes de casas e torres de igrejas. Era tudo.

Caminhando, Eugenio sentia as casas tomar corpo, adquirir dimensões e isso lhe dava a impressão de que a cidade, antes desenhada sem perspectiva, se povoava e se humanizava.

Depois, desceu e começou a caminhar ao acaso, contemplando a grande quietude da vida ali, a grande calma das cousas. Apenas os coqueiros, com as frondes postas no alto, rumorejavam, movendo-se devagar.

Andou sem destino, até que se viu no alto da Misericordia. Estendeu-se na relva, á sombra do cruzeiro antigo da Sé e ficou olhando a paizagem.

Via tudo na natureza unido e seguro. A paizagem corria e abraçava-se ao horizonte para subir

aos céus. E desde a luz que descia do sol e pousava no chão, ás pedras que a areia ia envolvendo e integrando na terra, tudo tinha pontos de apoio, tudo se auxiliava. Só elle era isolado. Só o seu espirito humano era um mundo áparte e tinha de se realizar por si mesmo.

Mas pensava isso calma, confiantemente, sem nenhuma inquietação. Um enternecimento que as cousas mais simples emittiam, dominava-o. Viu o crepusculo cahir. Viu a serenidade da terra entrando pela noite. E de repente—há tanto tempo que não os ouvia assim!—rolaram no ar os sons dos sinos. Partiam os primeiros de S. Francisco, — simples, humildes. Os de S. Bento eram graves, magestosos. Depois, na planicie, Santa Thereza tocou tambem. Era estranhamente meigo crescer e dissipar-se aquellas notas dentro da atmospherá, enquanto uma suave sombra ia envolvendo o pateo.

E Eugenio ia descer, quando viu Flavio subindo a ladeira da Sé.

—Oh! você pela minha terra?

Eugenio respondeu que sim. Estava ali, admirando aquella serenidade ambiente, a paz antiga daquelle scenario. Flavio, cansado de emoções, cansado de uma crise sentimental que não calculava aonde o levaria, achou affinidades em Eugenio e lentamente, sem sentir, foi contando com sinceridade o que fazia em Olinda. Achava no ar da cidade de Jorge de Albuquerque um tom bondoso, um aspecto docemente paternal. Parecia que tudo ali o acariciava.

Eugenio, contente de achar pela primeira vez um espirito que lhe humanizava uma porção de idéas, declarou logo :

—O que você anda sentindo, eu já conhecia pelo pensamento. O que se dá com você é o seguinte : veio vivendo como nós todos, os brasileiros de hoje, no meio de um progresso totalmente sem alma. Costumes incaracteristicos, architectura banalissima, theorismos exoticos . . . Temos fé? Quem sabe? . . . Pensamos? Queremos ganhar dinheiro por qualquer meio. E do esforço para ganhar dinheiro pura e simplesmente, não vem nunca uma civilização! Não sabemos por onde andam os nossos elementos vitaes,

as forças ordenadas e fecundas que sustêm os homens. É neste ar você veio encontrar os restos do esboço esquecido miseravelmente . . .

Para Flavio, aquellas palavras pareciam estar sendo repetidas por sua alma, tanto ecoavam no seu ser. Houve um despertar alvoroçado de sentimento nelle. Affirmou :

—E' isso !

E, com um sorriso triste, convidou :

—Vamos visitar as nossas cousas mortas, as ultimas cousas realmente vivas de uma terra que vae esquecendo as almas . . .

Puzeram-se a percorrer o pateo amplo e cheio do crepusculo. Os edificios todos, á excepção da Sé, vinham de longe, do fundo dos seculos e traziam notas expressivas de um tempo sem ideaes importados.

—Aqui, a nada do que é lindo e velho, está ligado um nome de artista que o tivesse idealizado e realizado, disse Flavio. Tudo é anonymo. Nós somos assim uma especie de filhos cujos paes se sacrificaram na obscuridade para os ver grandes, sem que

elles soubessem aproveitar o esforço generoso. Há um crime horrivel nesse esquecimento do amor humilde que nos criou.

Elle não podia comprehender o desprezo votado á arte antiga, mas Eugenio o interrompeu :

—E' mister não pensar em arte, meu caro. A não ser que se queira ver, atravez della, a vida e o soffrimento dos corações humanos de que ella sahiu. E' isso que faz com que as cousas só apparentemente sejam inanimadas: ellas são docéis e guardam o vestigio do nosso trabalho, do nosso anseio doloroso...

E como elle dissesse isso, dentro da sombra que se accentuava, as cousas todas daquelle recanto velho de cidade se animaram, como si um espirito guardado nellas por um sortilegio, quizesse fugir para fallar aos homens.

XIII

LAURA ficara á espera que Claudio apparecesse. Ella não era nenhuma ingenua que confiasse na pureza ou na bondade dos homens e desconfiava do perigo que corria, de ser abandonada; mas, seria tão miseravel uma fuga immediata, revelando em Claudio um desejo raciocinado de fazer o mal calmamente e sem paixão, que ficou a esperar.

Seria lá possível que elle não se tivesse entontecido, um instante sequer, de seus encantos? Seu orgulho de mulher negava. Elle fizera aquillo por uma loucura que sua graça despertara. Depois, muito provavelmente chegaria o fastio e elle iria embora, si ella não o soubesse prender. Agora, não: ainda os sentidos trabalhavam nelle.

Imaginava tudo isso seguramente, conhecedora que era de mil historias de amor contadas sem escrupulo e de romances capazes de interessar a sua ignorancia, acostumada ás artes do namoro desde a puericia.

Pensou em vir á pensão onde morava o namorado mas teve vergonha e um certo medo indefinido. Lembrou-se então de escrever-lhe.

A carta desordenada e cheia de erros de portuguez causou ao estudante a mesma sensação desagradavel de um gemido continuado, num quarto visinho. Irritou-o aquella supplica que nem lhe deu idéa do soffrimento de Laura. Causou-lhe apenas uma feroz irritação contra si mesmo porque se deixara como um tolo, cahir naquella armadilha incommoda.

Laura esperou em vão a resposta e, quando teve certeza de que ella não viria, o desespero do momento trouxe-lhe a idéa do suicidio.

Guardar segredo sobre o estado em que se encontrava, era impossivel. Remedial-o, impossivel tambem. Ameaçar a Claudio seria inutil, pois que elle era rico e saberia livrar-se. Mas, confessar aos paes?

Não se animava a fazel-o. E ahi é que lhe apparecia o pensamento do suicidio, como o melhor recurso. Porque o suicidio, como ella o imaginava, ficava na tentativa. Era o susto, vinha o medico e ninguem mais fallaria naquillo, pois o véu de uma triste piedade se estenderia sobre a sua desdita, ao passo que a vida iria voltando á quietude, á monotonia habituaes.

Sem duvida, a morte era o meio mais simples de communicar aos paes o que lhe acontecera.

E ella foi calmamente para o seu quarto que era o ultimo, junto da sala de jantar. Cá fóra, ficava o descanso de um domingo cheio de sol e de somno, ás duas horas da tarde. Sobre o bairro, havia apenas a luz e o silencio.

Ella encostou a porta do quarto, desarrolhou um frasco que trouxera, contendo o veneno, e ia beber o seu conteúdo, quando parou. Poz num cabide uma toalha que havia sobre a cama, ageitou as cobertas, endireitou um sapato que estava virado e viu que tudo estava em ordem, distribuido pelos lugares competentes. Então, sentou-se á beira da cama e fez um esforço para despejar o veneno bem na garganta. Ingeriu-o e ficou esperando uma revulsão organica. Não houve nada. Apenas, o liquido banhava os tecidos penetrando como pontas de alfinete, ardendo, queimando. Isso mesmo cessou. Ella deitou-se e ficou esperando que começasse a morrer para gritar. Não tinha medo da morte porque nem pensava nella — tudo se effectuaria de accordo com o seu plano. Tinha um pequeno medo, sim, das dores que havia de soffrer quando o veneno produzisse efeitos.

As dores, porem, não appareciam. Estendida na cama, ella esperou, esperou durante uns segundos que lhe pareceram longos demais. Suppunha que começava a soffrer em um determinado ponto mas pres-

tava a atenção e reconhecia, sem querer, que não, que tudo ia bem.

De subito, veio-lhe a idéa de que o veneno estava agindo silenciosamente, a morte não doia e talvez já fosse tarde para se salvar.

Sua angustia foi então sincera. Levantou-se num pulo, gritando que a soccorressem, que a acudissem pelo amor de Deus. E, abrindo a porta, não teve coragem de andar mais : parou num grande grito :

—Eu estou morrendo ! Eu estou morrendo !

Correu uma enorme balburdia por toda a casa. E o primeiro a apparecer diante de Laura foi seu pae, João Viegas, que a tomou nos braços, levando-a para a cama e perguntando-lhe agoniadamente, numa subita explosão de amor, o que era aquillo, o que lhe tinham feito. Surgiram visinhos, tomando as providencias necessarias porque nem o Viegas nem a mulher estavam em condições de fazel-o.

Viegas reparou o frasco com um letreiro : **VENENO**. Compreendeu tudo e, approximando-se da cama onde Laura gemia fracamente, indagou, com uma ternura infinita na voz :

—Minha filha . . . Você queria morrer ?

Ella fez com a cabeça que sim, os olhos cheios de lagrimas.

Nesse momento chegava um medico que a declarou salva. E agora, enquanto na rua não se falava de outra cousa, a casa de Viegas recahia numa quietude melancolica e abafada, depois do susto.

Laura mergulhava numa indecisa somnolencia. Viegas tomou-lhe as mãos magras e vendo-a abatida e pallida, teve piedade daquella filha que a vida começava a torturar, levando-a até semelhante desespero :

—Mas, minha filha, nós lhe queremos tanto bem . . . Porque foi que você quiz deixar a gente, deixar o seu paesinho, sua mãe . . . Porque foi ?

Aquella pena tocou Laura que se poz novamente a chorar. O pae insistia. Ella pediu perdão, affirmando, numa reminiscencia de leitura que era indigna delle. E contou entre soluços que não era mais virgem.

Viegas abriu a bocca e os olhos, immobilizou a physionomia e ficou estúpido. Depois, vieram-lhe muitas lagrimas num arranco e parecia-lhe que o co-

ração trabalhava mais, querendo expulsar a agonia como uma bomba que esvasia um poço.

Sahiu, sem uma palavra, deixando a filha só. Quando abria a porta, encontrou a mulher que entrava. Ella parou, olhando o rosto desfigurado do marido que, no meio de um choro difficil que era apenas talvez simples vontade de chorar, gemeu :

— Fizeram mal a Laura.

E como si só então tivesse consciencia verdadeira da desgraça que cahira sobre elles todos, dirigiu-se quasi a correr para o fundo do quintal, onde ficou andando de um lado para outro, entre as quatro paredes que fechavam a area pequena, dentro de um calor de forno e de uma luz que era um manto ironico de ouro sobre a sua miseria.

Andou ali, andou. Mais tarde, sahiu, ansioso por achar um meio de extravasar aquella angustia para pensar então em sua vida e tomar uma resolução. Caminhava sem destino pelas ruas alegres e festivas.

E se agitavam em seu espirito todas as palavras de vingança e de odio que tinha ouvido pela vida.

Realmente, elle nunca vira uma lucta nem um

crime. Mas, ouvia depois os commentarios indignados, as exclamações violentas e era isso que ficava em sua memoria,—o brilho dessas attitudes firmes e claras, endireitando o mundo e fazendo justiça.

Anoiteceu. E elle, sem prestar attenção a nada, seguia pela rua da Aurora quando viu o Claudio. Dentro d'elle, pareceu que tudo despertava :

—Oh ! seu moço !

Claudio reconheceu-o e parou, sem palavras. O lugar era deserto e elle teve medo.

Viegas approximava-se e mesmo o seu modo de andar dava a entender que elle trazia na alma uma rude tragedia.

—O que é que o senhor anda a fazer com a filha dos outros ?

Claudio perguntou, titubeando :

—Eu ?

O espectáculo daquella covardia animava inconscientemente o Viegas que se ia sentindo mais corajoso e alevantando a voz :

—Pois, o senhor tem de remediar o que fez,

ouviu! Trate de resolver logo o que pretende fazer porque eu não o largo mais, cachorro!

Elle fallava rijo, immovel, duro. Só o braço direito se movia com a mão fechada e o dedo enteçado mas, assim mesmo, recordava o braço de um boneco de pau.

Claudio não encontrava resposta, não sabia o que dizer:

—Eu... Não... Certo dia... Uma vez...

Viegas não se conteve: segurou-o á altura dos peitos, amassando o casaco, a camisa e alcançando ainda a pelle. Elle era forte e sacudia Claudio.

—Patife! Cachorro! Você...

Claudio quiz livrar-se mas estava tão pouco senhor dos seus movimentos que, apesar do medo, numa subita reacção, soltou uma bofetada no rosto do Viegas que o largou, surpreso. Mas, então foi peor: o pae de Laura puxou um revolver e atirou. Claudio voltou-se para correr mas sentiu uma fraqueza enorme, como si a vida lhe fosse fugindo, fugindo e cahiu.

Depois, começou a sentir uma dor fina, confusa; era um estado de consciencia fraquissimo, accentuando-se lentamente, como um clarão no horisonte. Fez um esforço para abrir os olhos e embora acreditasse tel-o feito, nada viu. Então, um ruido veio, indistincto, roçar os seus ouvidos; não entendeu. Emittiu um som que era, ao mesmo tempo, um gemido e uma interrogação:

—Ein?...

—Não se mexa, disseram.

A dor localizava-se e parecia ter um ponto de irradiação, donde abraçava todo o lado direito do abdomen. Abriu novamente os olhos e viu a touca de uma irmã de caridade. Estava no hospital.

Poude apprehender que se encontrava num quarto onde tudo era muito branco, tudo.

—Os medicos, disse a irmã, estão muito contentes com o seu estado. Eu vou chamal-os. E o senhor continue sem mover-se.

Sahiu. Elle ficou e lembrou-se de Viegas, de Laura mas agora com uma extranha, uma absurda tranquillidade. Como si alguma coisa de definitivo

tivesse solucionado a sua inquietação ou apagado o seu remorso. Ao pensar em casa e na familia, é que sentiu um despertar de ternura, um reclamo de fraqueza dolorosa e desejou ter junto de si seu velho pae, sua mãe. . .

Appareceu na porta do aposento o capellão do hospital.

—Estarei para morrer? pensou Claudio, amedrontado.

O padre acercou-se, perguntando-lhe como passava e dizendo-lhe que seu pae telegraphara e estava para chegar. De vez em quando, uma pergunta a que Claudio respondia fracamente, e, dentro em pouco, o padre sabia tudo: o fundo religioso, a formação catholica daquelle moço que, depois, nem chegara a renegar. Esquecera apenas. . .

A voz e a presença do padre faziam bem a Claudio porque a tradição de sua raça e o sentimento do seu povo davam á figura do sacerdote um prestigio familiar e consolador. A sua dolorosa posição fazia rever a idade feliz quando a piedade materna o encaminhava e as cerimoniaes da Igreja eram, a seus olhos, um mundo á parte e glorioso. Diziam que a

fé fortalece... Talvez a fé lhe houvesse preparado outra alma, poupando-lhe a inutilidade que reconhecia agora em sua existencia... Tinha cahido... E a queda findara na morte, o lodo fizera-se sangue.

E elle estava incapaz de comprehender que só existem na vida o lodo e o sangue e são felizes os que podem esperar a redempção do lodo pelas virtudes do sangue.

O padre fallava mas elle não ouvia, seguindo só os seus pensamentos. Mas, de subito, contrastando com a paz que alcançara, levantou-se nelle uma agonia physica que subia no sangue, queimava-o de um fogo que se espalhava pelo corpo e lhe chegava ás faces; ardiam-lhe as orelhas como entumecidas, enquanto um suor de gelo lhe empastava os cabellos.

Foi perdendo a noção das coisas.

Transfigurou-se o padre acurvado sobre o seu leito: empallideceu, emmagreceu e Claudio viu que era o director do Collegio onde estudara. Viu o director, os professores, uns collegas que o tempo afastara e aos quaes quizera bem. Sentiu-se nas aulas, nas bancas de estudo. Abriu os livros. E, entre elles,

teve aberta nas mãos uma Historia Sagrada, com illustrações de pagina, reproduzidas de Doré. Deteve os olhos diante de uma, em que Adão e Eva, envergonhados, deixavam o paraizo, em cuja porta um anjo se plantava definitivamente; embaixo, dois versiculos da Biblia e a traducção. Só desta se lembrava, mais ou menos:

«E o Senhor os expulsou do Paraiso, pondo diante desse lugar de delicias um cherubim, para guardar a arvore da vida».

O director dera esse thema para a composição do dia. A prova de Claudio que era o poeta, o orador da turma, tinha sido elogiadissima. Elle ficara contente do seu brilho litterario. E fallou:

—Não, padre, é assim.

Repetiu os versiculos. Quando acabou:

—E' assim.

E concluiu devagar, tristemente, a leitura:

—Cá fóra é o fundo do abysmo onde nós nos revolvemos como animaes num pantano. Mas, animaes não aspiram... E no alto da escarpa que devemos subir, o anjo inflexivel, o anjo que não se afasta

nunca do seu posto, olha o drama dos homens e ouve o rumor dos gemidos.

O capellão pediu que trouxessem um calmante. Claudio proseguia :

—No entanto, ás vezes, parece que o anjo sorri e a espada lhe vae cahir das mãos. E' quando a esperança nasce e suaviza as nossas angustias. A esperança que se alimenta do soffrimento, do remorso, da amizade e que, só ella, pode subir livremente do fundo do abysmo. . .

Continuou fallando confusa, imperceptivelmente emquanto, de pé, o capellão reconhecia que elle estava caminhando morte a dentro, absolvio-o sob condição e perguntava a si mesmo si a litteratura salvara aquella alma. . .

XIV

ERTA madrugada, o professor Ephygenio Pires ouviu, para os lados de Santo Antonio, uma fuzilaria que durou provavelmente uma hora. Elle pensou que fosse um disturbio sem significação, até que grandes explosões, como de dynamite, o desilludiram. Era a revolução de Bemvenuto e de Alfredo Tavares,—soube, pela manhã, o professor

que era tambem tio do Bemvenuto e republicano historico.

Chamavam-n'õ professor porque, ahi por 1887, ensinara numa Faculdade de Sciencia e Philosophia, hoje lamentavelmente esquecida. A Faculdade funcionava num primeiro andar de aluguel á rua do Queimado e reuniu, infelizmente por curto tempo, uns homens sabios para ensinar umas vagas disciplinas. Menos que professor, cada um delles era um doutrinario energico e convencido, do liberalismo e da evolução, citadores inveterados de Haeckel e Spencer.

Entre elles, estava muito bem o professor Ephygenio Pires, a quem a noticia da implantação da Republica trouxe, um dia, a desalentadora sensação de um logro. Elle andava fazendo, desde alguns annos, a propaganda da democracia. Sua fama já alcançara o Rio de Janeiro. Ensinando aos alumnos ou fazendo conferencias publicas, elle fõra encontrado quasi a chorar sobre a decadencia da patria; apenas, quando iam escorrer lagrimas de indignação e piedade pelas faces que o entusiasmo fizera vermelhas e brilhantes de suór, elle mudava de assumpto, fallava de liberdade e igualdade e tinha a idéa esbatida e conso-

ladora de que iam descer do céu essas entidades mysticas para afugentar o imperador e sua gente. Uma vez por outra, terminado o discurso, insinuava-se em sua cabeça o pensamento de que era uma allucinação essa historia de a liberdade apparecer por si mesma. . . Mas, que fazer ? Elle não acreditava que o povo brasileiro fosse capaz de uma revolução como a franceza e acolhia-se a essa esperança benefica.

Elle era assim quando a Republica foi feita e lhe causou a sensação de um logro porque, nascendo sem lhe communicar, nascendo sem uma conferencia sua, a liberdade como que lhe dispensara os serviços e o proclamara inutil.

E pouco a pouco, foi crescendo no seu espirito, á medida que os dias passavam e a Republica se fazia commum e familiar, essa desconfiança de que era inutil sobre a terra. A civilização era a formula republicana e o Brasil já se tinha integrado nella. Agora, a que ideal generoso e puro consagrar as energias de sua intelligencia, desde que a Evolução estava completa e perfeita ?

O professor debalde procurou responder a essa pergunta ?

Na primeira aula que deu, depois do 15 de Novembro, os alumnos fizeram-lhe manifestações, saudando no professor o propagandista do regimen victorioso. Elle discursou, agradecendo. Mas, do meio para o fim, os rapazes mais argutos notaram uma tristeza subita em seus gestos. Elle se lembrava de que tambem aquelles moços tinham chegado ao mundo como quem chega ao theatro na hora da sahida. . . Tambem elles não tinham mais o que fazer. . . Que se podia fazer depois do que já se tinha alcançado?

Sahindo da aula, entre palmas dos alumnos, encontrou seu collega Antonio Camillo. Foram os dois vagarosamente, pela rua do Queimado, estreita e cheia de sol. Eram duas horas da tarde. Caminhavam á sombra dos beiraes das casas antigas. Pelo leito da rua, passava um ou outro carro, ao trote dos cavallos.

Ephygenio Pires contou a Antonio Camillo a sua preocupação. O outro professor respondeu, com a sua voz em que havia um resquicio eterno de zanga :

—Meu illustre collega, isso não é duvida que o

senhor tenha. Francamente : isso depõe contra o senhor que é um dos nossos luminares.

Ageitou o guarda-chuva que trazia pendurado no braço, e doutrinou :

—E' preciso crer sempre nos moços. O senhor deve trazer em si esse entusiasmo que é o segredo das campanhas memoraveis em que a juventude toma parte. A alma dos moços é sempre fecunda!

Ephygenio teve um riso soprado que lhe sacudiu o thorax :

—Isso é bonito mas não me contenta. Será fecunda em que, essa mocidade?

—Professor, advertiu o Camillo, essa sua exigencia em saber muita coisa é indevida. Há esphe-
ras que a intelligencia não alcança.

—Eu sei que nós não vamos além dos phenomenos. Kant. . .

Antonio Camillo não se deixou interromper :

—O futuro é uma dellas. Si o senhor acreditasse em Deus. . .

—Não acredito, não.

—Pois, eu acredito. Cada uma intelligencia leva para um aspecto da verdade. Nós não estamos errados mas as nossas verdades são differentes. Devemos respeitá-las, por um principio de liberalismo. . .

Ficaram pensativos e fizeram silencio. Ephygenio pensava, com malicia, que o collega era um simplorio. Sentia sobre elle uma vasta superioridade.

E talvez por effeito dessa superioridade, muitos annos depois, em 1928, não sabia ainda o que fazer da vida. Hesitava diante de um ignorado caminho que devia tomar.

Comtudo mudara muito, no physico e na intelligencia. No coração trazia um soffrimento melancolico. Tinha passado o tempo romantico da propaganda em prol da Republica, que devia ter sido thaumaturgica e facil, e não fôra. Não foi uma volta suave ao paraiso cuja porta se descerrasse ao sortilegio da palavra. . . Elle se sentia enganado. E como não houvesse no ambiente uma theoria organizada e imaginosa a cujo enleio se apegasse, era tragica a desolação do professor, percebendo que tudo se fazia terra-á-terra e utilitarista.

A Faculdade se acabara no anno em que rompeu a guerra, depois de uma longa decadencia. Elle não tinha mais alumnos mas, examinando as novas gerações, via-as cheias de homens praticos, sedentos de dinheiro. Sabia que alguns, entre os outros, ainda fallavam em democracia mas como partido, como arma de opposição. A democracia — aspiração sincera, estava morta. Sinceridade elle reconhecia em alguns que a combatiam e que elle amaldiçoava, e em outros que se diziam socialistas.

Para estes ia agora a *sympathia* do professor. A Evolução, pensava elle, a Evolução vae sempre para a frente. Depois da democracia que entre nós falhou, quem sabe si o desenvolvimento da vida não trará uma formula socialista?

Olhava com agrado para o sobrinho Bemvenuto. O ardor com que elle verberava o apodrecimento do regimen, appellando para os imprevistos redemptores das revoluções, tinha sido uma rara consolação para o espirito do professor que se envelhecia e entediava.

Mas, quando irrompeu a revolução communista

e elle soube que Bemvenuto era um dos seus chefes, estremeceu. O communismo queria acabar com o systema implantado por Deodoro e elle sentiu que queria bem á Republica. Admittia seus erros. Considerava-a desvirtuada. Mas, queria-lhe bem. E, como republicano historico, devia defendel-a.

Mandou sahir o automovel da garage mas, quando se preparava para sahir á procura do Bemvenuto parou.

Encheu-o uma infinita saudade do tempo em que vivera intensamente, sonhando a republica. Os tempos eram outros e eram outros os homens. Não se era louco assim, nem cego. E a prova estava em que tinham feito a Republica e isso não é coisa que seja dado fazer a toda gente. Ella é alta e difficil. Cura os males dos homens. E si não cura sempre, como aconteceu no Brasil, não é sua a culpa: é porque os homens não a souberam amar devidamente, não se souberam elevar até ella.

Si fosse aquella uma hora destinada á contemplação, talvez elle tivesse chorado. Mas, era preciso agir. A acção o reclamava. E ia sahindo do quarto quando parou novamente. Voltou-se e entrou.

Tomara uma resolução inesperada. Elle era, naquelle instante, o emissario de um tempo antigo, de uma idade morta que se continuava no rythmo isolado do seu coração. Como um sacerdote que se paramenta, mudou a roupa e, ao reaparecer, estava de calças brancas e sobrecasaca preta.

Passando diante de um espelho, viu seu vulto e operou-se um milagre, em silencio. O professor Ephygenio Pires perfilou-se e remoçou. A alma de 89 era agora a sua alma. Ia fazer agora o que não fizera no dia da proclamação.

A esposa quiz saber para onde elle ia. O professor disse que era um negocio, fallando pouco e baixo porque aquella desculpa não devia chegar aos ouvidos da patria, attentos ás suas palavras.

Sahiu, então. Quando o automovel passava pela casa de José Fernandes, seu ultimo collega de congregação da Faculdade, que vivia, Ephygenio lembrou-se de fallar-lhe.

E antes de cumprimentar o amigo, perguntou-lhe que fazia com aquella revolução. Sinceramente, o outro espantou-se. Ephygenio repetiu a pergunta e

o doutor Fernandes, com um largo sorriso, na phisionomia flacida, indagou, com ar de troça :

—Mas, Ephygenio, quem lhe disse que eu sou o chefe de policia ?

O professor Ephygenio Pires sentiu miseria espiritual e covardia naquella indifferença, e indignou-se :

—E' brasileiro. E' republicano. Tem o dever de defender a sua patria, a segurança de sua familia !

Gritava a plenos pulmões porque elle era assim facil de se enthusiasmar e exceder.

José Fernandes é que não se alterava e explicou, entre piedoso e ironico :

—Ephygenio, você vive mettido em abstracções... Falle a verdade: você já sentiu, algum dia, positivamente, alguma ligação entre você e a patria? Já descobriu que você é o Brasil?

A necessidade de defender-se ante o Ephygenio cujos meritos intellectuaes toda gente acceitava, fazia com que elle revelasse o segredo inconsciente de sua vida, o inarticulado mysterio de suas attitudes displi-centes e confiantes. Por isso, sendo a primeira vez

que elle fallava assim, cada palavra parecia uma coisa velha e commum para sua intelligencia.

Continuou :

— A patria vive fóra de nós, como si vivesse solta no ar. Nós somos os individuos. Pense nisso, Ephygenio : nós somos os individuos ! Não sacrifique a realidade de sua existencia individual diante de abstrações a que nós não fazemos mal nem bem ...

Ephygenio Pires estava rigido diante delle. Olhava-o fixamente. Abriu a bocca, com o aspecto de ir dizer um pensamento muito grave, mas voltou-se apenas e sahiu. Fernandes ficou diante da porta aberta, á espera de que elle se convencesse e voltasse. Elle, porém, não se convenceu nem voltou.

Foi procurar o Bemvenuto Caminha.

Depois de dificuldades que teriam vencido outro animo, encontrou-o afinal, num primeiro andar no pateo do Carmo onde elle estava em conferencia com outros chefes do movimento. Levantou-se e foi receber com affecto o parente que sempre lhe applaudira as idéas. Deste modo, a sua presença não podia deixar de ser um estimulo. . .

O professor interrompeu-o :

—Não ! Não é. Eu vim dizer que você está fazendo uma loucura e um crime. Acabe com isso.

Bemvenuto que já temia a derrota porque o primeiro arranco fôra perdido e os recursos eram fracos, irritou-se logo :

—Mas... E' o senhor que me vem cantar essas lôas? O senhor que gostava de minhas doutrinas?

—Eu não sabia que você quizesse implantal-as...

—Ah ! O senhor julgava que eu fosse um maluco ou um covarde, como os outros... Mas, não ! Si acho que o mundo tem de ser de um geito, faço

tudo para que elle seja como eu quero! Jurei odio de morte. . .

—Menino, não é ser maluco. E' uma questão de oportunidade e calculo. Uma theoria, á gente ama pela necessidade de idéal, pela propaganda, desinteressadamente. A vida é uma coisa difficil. A idéa, não. Na vida devemos andar de passo em passo, permittindo que a evolução continue sua marcha.

Diante d'elle, pequeno e violento, Bemvenuto tremia de raiva. Passava iradamente a mão pelos cabellos, alizando-os para traz. Tinha-se a impressão de que iria jogar-se sobre o professor, num pulo de onça.

—O senhor não tem autoridade para me ensinar essas coisas. Vá embora.

Um dos chefes que assistiam, mudos, ao encontro, interpellou Bemvenuto :

—Esse homem não é inimigo ?

Diante dos outros, querendo ser exemplar na defeza das suas idéas e odiando agora o parente,

Bemvenuto não hesitou: foi o primeiro a declarar que elle estava preso.

O professor quiz reagir mas não poude. No momento em que o iam fechar num dos quartos da casa, elle fallou, com sua voz grossa e triste :

—Infeliz!

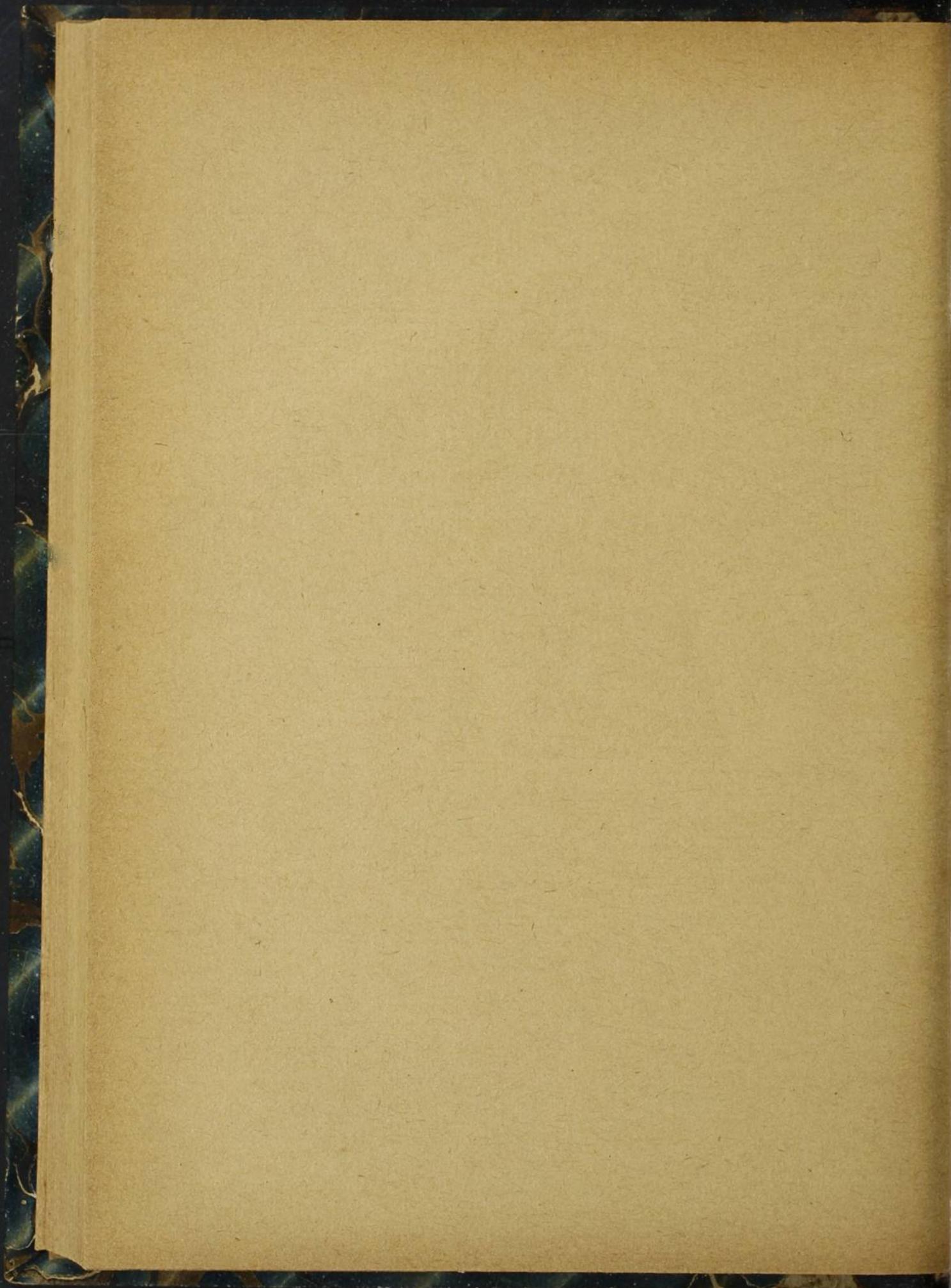
Não se sabe si era elle ou o Bemvenuto.

Foi pela madrugada seguinte que o combate cessou e a revolução se declarou vencida.

Houve, então, quem encontrasse, entre os escombros do quarteirão, o corpo mutilado do professor Ephygenio Pires. E como ninguém soubesse os intuitos com que elle fôra ter ali, toda cidade republicana lamentou o desvio daquella alta intelligencia que, na velhice, se puzera a combater a segurança do regimen e o progresso da patria.

Alfredo Tavares, esse, vibrante de energia ingenua e de sonho, morrera na lucta.

Bemvenuto desaparecera.



EUGENIO acabava de entrar em convalescença, depois de uns dez dias de doente, ao longo dos quaes se quebrantaram suas forças. Por isso, embora sem importancia o mal, o medico lhe recommendara repouso. Mas, elle não poude resistir.

E' que ainda não descansara de saber a noticia da morte do Claudio e logo lhe chegava aquella ou-

tra, igualmente inesperada e brutal: Alfredo entrara para uma revolução, fôra vencido e morto.

Acontecia que elle estava ligado a um e a outro, por certa admiração. Ambos lhe tinham revelado aspecto da vida do espirito: brilhante mas superficial em Claudio e, em Alfredo, firme porém viciada de sonhos e imaginações,— o certo é que elles não abdicavam da intelligencia nem a punham a serviço dos simples interesses materiaes. E Eugenio, embora discordando profundamente delles, embora fugindo do estheticismo de um e do materialismo do outro, sabia reconhecer e louvar o valor que já existia nessa attitude.

As duas mortes alarmaram-no. Sua impressão foi profunda.

Porque a gente vae vivendo, com as horas e as emoções a passar. E, um dia, num abalo mais forte, num estremecimento do ser, percebe estar a sua geração no primeiro plano da vida, em pleno scenario de lucta, movendo-se e dando exemplos, passada a epoca de esperar conselhos dos labios dos professores e da conducta dos mais velhos.

Foi a morte de Claudio e a revolução chefiada por Alfredo que segredaram isso a Eugenio, perturbadoramente. Os seus companheiros de geração e de vida já acceitavam a responsabilidade dos seus proprios actos, já se envolviam na acção inquieta e energica.

Só elle meditava. E nem de seu pensamento extrahia alguma affirmação que pudesse ser levantada como uma divisa e ser ensinada e servir de oriente. Extrahia a duvida e a hesitação. Extrahia aquella immobilidade em que estava, que nunca lhe criaria um gesto, que o reduzia a inutil, que o faria apresentar-se, um dia, diante de Deus, com as mãos vazias e o coração esteril.

Sentiu então a necessidade de correr para junto dos seus amigos e dizer-lhes que já não podiam estar parados, que já não eram meninos.

Pensou em Paulo.

O seu melhor amigo despedira-se d'elle porque fôra ao interior, em visita á familia. Pretendia ir á Europa. Fallara-lhe nisso, alguns dias depois de ter fallado do amor que sentia.

Fôra uma tarde em que tinham jantado juntos, na casa dos Milagres, num doce scenario quieto, com o sol a esconder-se por traz dos bambús do quintal de S. Bento.

Elles tinham as almas tranquilladas. Paulo disse :

—Você sabe que eu estou quasi noivo ?

—Não, não sabia.

—Pois, estou. E é bem provavel que você me tenha de ver casado, mais depressa do que imagina...

E disse que aquelle amor era um repouso em sua vida. Não nascera para viver sosinho, sabia agora, depois da experiencia da vida ali, nos Milagres, longe da familia. Quando começara a namorar com Yvette, andava com uma necessidade tão grande de ternura e carinho na alma, que quasi antevira o desfecho de um casamento. Cedera a esse proprio desejo.

Eugenio pensou que era muito logica em Paulo aquella resolução. Quando a gente percebe que tem a responsabilidade de uma alma e de um destino, deve ser doce encontrar um affecto a que se apoiar...

Paulo, depois, lhe confessou que hesitava. Entre elle e Yvette surgiam desintelligencias. Um dia, decidira-se a deixal-a mas o amor fizera-o voltar e, no regresso, passadas momentaneas exaltações, elle só fazia reconhecer que se accentuava a distancia e a incomprehensão. Resolvera fugir, indo á Europa.

Eugenio não sabia si elle já voltara do interior aonde tinha ido despedir-se dos paes, e lembrou-se de Flavio Ribeiro.

A este encontrara umas duas ou trez vezes, depois de que se tinham visto no largo da Sé. E tinham fallado menos sobre suas almas do que sobre os tempos antigos da Raça, nos quaes presentiam uma actividade ordenada e serena porque viam apenas os resultados, o que ficara da acção eternamente atormentada e difficil.

Eugenio pensou nos dois amigos, sentiu necessidade de dizer-lhes que deviam trabalhar. Ardeu nelle, durante os dias de solidão e de doença, a agitação do homem que já tem uma certeza. Vibrou

nelle, como que distendendo seus nervos e fazendo-os resoar, o primeiro acto de fé.

Elle tinha fé, pela primeira vez ! Fé na força humana que pode semear attitudes. E como não repudiava seu anterior soffrimento, e como sabia quanto elle lhe custara em meditação e vigilia, sabia tambem que o esforço vale pelas rectificações que a intelligencia lhe exige, pela sua submissão á verdade.

Dissera-lhe o medico que descansasse mas não importava. Elle agora exigia de si mesmo alguma coisa mais do que a indolencia. Mal poudes fazel-o, correu até Olinda, á procura de Paulo.

Paulo ainda não voltara.

Elle subiu devagar a ladeira da Sé, um pouco afadigado e não tanto physicamente como pelo des- encontro que arrefecera seu primitivo ardor. Sentia um dos mais estranhos mysterios da alma humana : o desalento. A inclinação para não continuar, para se render ao mais banal dos obstaculos.

Em casa de Flavio, na ampla sala aberta sobre a planicie e o mar, Eugenio começou a ver si o conduzia para o assumpto unico que o interessava.

E sua alma transbordante de enthusiasmo mas não afeita ainda a erguer almas, teve uma immensa noção de sua propria fraqueza. Flavio tinha o espirito longe: fazia versos agora e tudo para elle era motivo esthetico. O caracter mais profundo das coisas era, para elle a capacidade de inspirar belleza.

E Eugenio estremeia, diante do que lhe queria dizer, da convicção que queria implantar no outro mas

não sabia por que meios. Antes de construir poemas, o homem deve construir-se. Bellos poemas resultam da harmonia interior e elle duvidava de que se alcançasse essa harmonia sem trabalho da consciencia.

O que, no entanto, mais affligia na attitude de Flavio era o alheamento demonstrado a essa sua convicção. O orgulho esthetico, pensava, irmão do orgulho scientificista, cegava diante da consciencia...

Flavio estava deleitado com seus proprios versos. Eugenio dizia:

—Em seus poemas, eu sinto belleza, sinto uma certa sabedoria que é justamente o que desejo. Mas, o exame dessa sabedoria, saber como ella se formulou, ahi está o que é mais alto em nós.

—Intellectualismos, Eugenio—disse o outro. A belleza se basta a si mesma.

—A si mesma, porem não aos espiritos humanos . . .

E a pedido de Eugenio, Flavio recitou alguns de seus versos porque elles eram impregnados do passado:

Sobre meu coração, melancolicamente,
nesta derivação de destino em que vou,
como folhas cahindo em uma agua corrente,
— cae a recordação de tudo que passou...

— Mas, é longa, eu não sei toda.

E disse a estrophe derradeira, onde ressurgiam
para a vida, ao contacto de seus sentimentos, os co-
rações antigos :

E a folha morta faz-se intranquilla sobre a agua,
agita-se com a onda e lá desce a tremer,
como, dentro de mim, soffre de minha magua
o alheio coração que deixou de bater.

Calou-se. Eugenio commentou :

— Tem harmonia, tem equilibrio... E' o verso
de um espirito que já possui alguma coisa...

Flavio, lisongeadado, quiz prolongar o elogio :

— Já tenho um bocado de poesias. Talvez pu-
blique um livro, aberto assim :

Minha cidade morta,
Jardim de evocações, triste jardim!
ouve, attende o meu cantico,
sombra do que é inarticulado em mim.

Eugenio não disse nada, absorto. Lucio pensou que elle não houvesse gostado e quiz tentar uma bôa impressão :

— Agora, escute uma que ainda não acabei.

E recitou *A Torre de Babel* :

Torre da aspiração, torre da vida. . .
Cada ruina é um pouco de Babel
onde, sobre a esperança fementida,
o destino estendeu a asa cruel.

Eugenio elogiou e sahiu, desalentado, deixando para traz a cidade velha, com suas pedras mudas, incapazes de comprehender a tragedia dos homens.

Quando chegou diante de S. Francisco, um frade ia entrando pela portaria do convento.

As idéas que em Eugenio não tinham curso certo e definido, encadearam-se de subito, inesperadamente, num sentido que elle nunca teria adivinhado.

Aquelle franciscano humilde vivia preso á historia da sua terra, desde o começo, desde a chegada do descobridor, e arrastava comsigo o culto da raça a um Deus que fôra herdado de Portugal, da civilização europea que nos creara. Elle representava, atravez de todas as idades, a religião e a religião collocava evidentemente um desejo do mais alto e do mais puro nos espiritos que andavam sobre a terra, formulando uma alma só no agglomerado confuso dos homens egoistas.

Entrou tambem no convento. A igreja estava deserta mas os frades, no côro, rezavam o officio da tarde.

Recitavam-n'o apenas, não cantavam.

Eugenio não percebia o latim que elles murmuravam em commum mas sabia essa coisa simples que dispensava qualquer outra explicação: elles estavam

rezando... Elles estavam prostrados diante de um Deus que só pode existir sendo eterno e onnipotente.

Aquellas vozes fortes de homens na quietude da tarde, rolavam dentro da igreja, submettidas a uma absoluta disciplina. Mais do que essa disciplina, dominava-as, porem, um sentimento de submissão diante da ordem do mundo e um sentimento de vertiginosa liberdade individual que os fizera renunciantes e mendigos, longe da Patria e dos seus.

Calou-se o coro. E a voz de um frade se destacou, recitando a Salve Rainha. Eugenio percebia trechos :

—Mater misericordiæ, vita et spes nostra... Ad te clamamus... gementes et flentes in hac lacrimarum valle...

Retiraram-se os frades. E, no silencio que se fez, Eugenio ouviu perfeitamente um *bemdito* de ingenua musica, que cantava o povo de sua terra :

No céu, no céu, no céu,
com minha Mãe estarei...

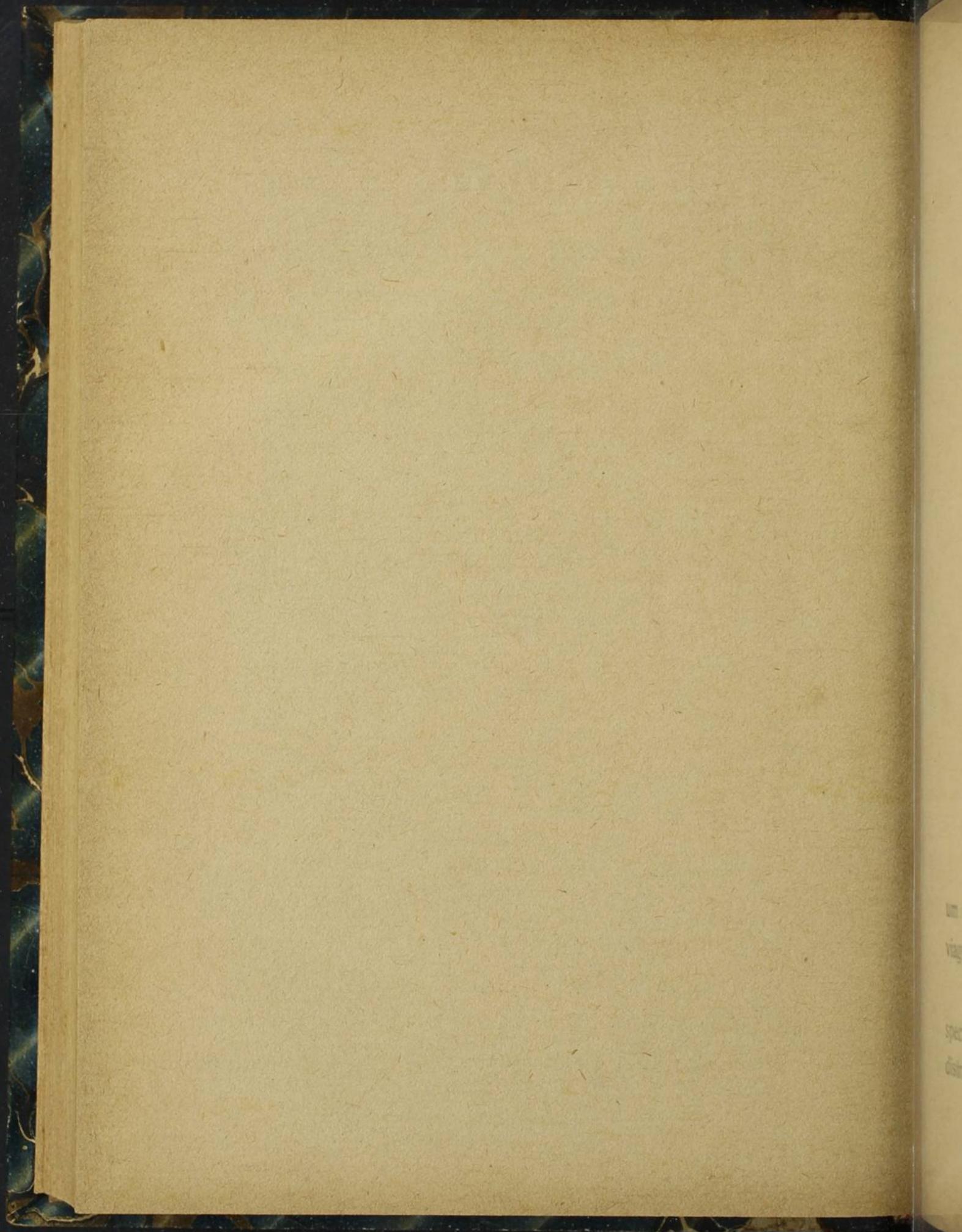
A illusão foi tão forte que elle se voltou. A igreja continuava deserta, cheia apenas de uma suave

penumbra. Na sombra, percebiam-se ainda os azulejos, contando a vida de Nosso Senhor. No tecto, uns painéis fundiam-se na escuridão. Junto do sacrario, uma lamparina accesa crepitava.

A sua sensibilidade revolveu-se. O estudante sentiu-se como uma planta de caule fino, sem forças de se manter firme. Alcançou a necessidade de ter um tronco eterno a que se enrodilhar como uma trepadeira para poder subir, alcançar as proprias regiões superiores do seu espirito, já que as suas forças humanas lhe tinham dado sempre a impressão de serem suas aspirações melhores como nuvens andando num céu longinquo, longe, muito longe de seus braços e da terra por onde elle se arrastava.

Ajoelhou-se, lembrando-se de uma cruz que havia no monte mais alto, abençoando sua cidade,—o cruzeiro das missões de todas as cidades de sua terra. Pensou que cruces assim rigidas davam sombra, no mundo inteiro, ao pensamento dos homens.

E parecia que a religião de sua infancia e de seu lar resuscitava nelle, criando novas raizes, aos arrancos, dentro do seu coração.



TUDO estava resolvido definitivamente, pensava Paulo: iria á Europa, satisfazer um velho sonho curioso de sua alma e, durante a viagem, esqueceria, por certo, Yvette.

Nos ultimos tempos, deixara de vel-a e a perspectiva do passeio, os cuidados da viagem,—tudo o distrahia e despreoccupava. Estivera duas semanas

com os paes. Trouxera, de volta, uma irmã que o ajudaria a preparar-se. E a certeza de que tomara uma resolução já era um alivio para sua alma.

No entanto, de repente, na vespera de partir, lembrou-se da namorada, de uma suavidade que ella puzera em seu espirito, de um gesto carinhoso que ella parecia ter feito sobre os seus sentidos fatigados...

Estava em Recife quando isso lhe nasceu. Tomou um bonde e voltou para Olinda, não mais desejoso de se deter junto della, porem levado por instincto profundo. Queria saber o que ella fôra em sua vida...

O habito da analyse radicado nelle, fazia-o curvar-se sobre si mesmo, mais uma vez ao fim de tantas vezes.

Si é que a amava, por que motivo fugia della? Mas, não. Duas almas não se podem amar sinão quando acreditam na propria unidade de sua vida e elle se comprehendia diferente, extranho... Havia qualquer sentimento superficial... Havia talvez a simples voz do seu coração solitario... Havia uma doce, amavel apparencia, tentando illudil-o...

Tinha plena certeza disso... Mas, então, porque corria para junto della, como si esperasse uma palavra que revelasse a mentira de sua certeza?...

Examinava-se serenamente mas o exame nada destruía.

Sentia a lucta da intelligencia, na sua tarefa incessante de vigia sem commando sobre as tendencias, sobre as inclinações que subiam incertamente de camadas tão interiores da alma que parecia o proprio limite da materia... Ella era apenas a voz que avisava, sem se saber si alguem ouvia. Diante della, nada se levantava da sombra do instincto, para attender. Apenas, muito perto della um desejo claro, consciente de ser logico, de não viver equilibrando-se sobre contrastes e contradicções.

Quasi dez horas, uma luz maravilhosa descia do céu de um azul translucido. O verde pallido dos mangues enchia o scenario, fechado pelos montes de Olinda e pela massa movediça e rumorejante dos coqueiros da praia.

Aquella paisagem a que os seus olhos se tinham habituado, ia deixar de ser vista...

E elle teve saudade do que havia passado, em cada minuto, sobre seu coração, uma saudade indistincta que abraçava todos os seres, que abrangia todas as coisas. Saudade da vida que tinha vivido, inexplicavelmente unida á saudade de uma outra vida que não vivera e que seria feita apenas de tranquillidade e harmonia, erguida sobre a verdade e realizando a belleza.

Desceu no Carmo e poz-se a caminhar com destino ao Bomfim. Prestava attenção a tudo—ás casas, ás arvores, á luz e ás sombras. Queria um bem disperso a tudo aquillo. Luzes interiores de sua alma se tinham disperso por ali. E aquellas coisas as tinham recebido.

Si elle pudesse ficar ali... Com os sentidos em descanso, fóra da agitação. Sem temer que o dia de amanhã lhe pudesse perturbar a vida toda. Aquella viagem era uma fuga. Como seria bom não ser perseguido nem perseguir. Repousar. Repousar apenas, na mesma paizagem e nos mesmos pensamentos. Mas, havia a complexidade intima. O homem é um ser dividido. Uma especie de somma de heterogeneos. E tinham de lutar! Porque lutar? Para que?

Seu soliloquio era cortado de silencios e nesses silencios que eram espectativas, elle soffria ainda mais do que ao articular seus pensamentos dolorosos.

A casa de Yvette estava fechada, como todas, áquella hora. Pensou em bater. Para dizer, para fazer o que? Pela primeira vez, indagou o que o arrastara até ali. . .

Pensando torturadamente para responder a essa pergunta, subiu, sem sentir, debaixo de um quente e immenso sol, um pedaço da ladeira da Sé.

Havia o silencio e a luz sobre a terra. E era no meio de um enorme brilho e de uma esplendida claridade que crescia a sua angustia como no vacuo, porque o universo inteiro era menos denso do que a sua alma. Nada tinha a significação do que estava dentro d'elle.

Do alto, elle olhou em torno. A paizagem não tinha signal apparente de unidade. Entre as mangueiras de copa redonda e os sapatizeiros, os coqueiros cresciam, finos, longos, inquietos, parecendo contrariar a conformação de tudo. Entre as arvores, o trabalho humano se affirmava na geometria das architecturas. A terra era bôa e a tudo acolhia generosamente.

Elle é que tinha de escolher dentro de si mesmo os sentimentos, classifical-os, hierarchizal-os, numa batalha que só terminava com a vida. Mas, que resultados daria ella?

E era suggestivo como, enamorado da ordem, certo de que precisava implantal-a na vida, elle se confrangia diante da aspereza interior, amargava a obrigação de conquistal-a.

Desceu. E, por uma coincidencia que jamais supporia possivel, quando passava pela casa de Yvette, ella abriu a janella e appareceu. Elle estacou. Mas, estava ali para fallar-lhe... Não notou que ella hesitava tambem e ia entrar, quando as palavras brotaram delle :

—Yvette, eu vim fallar com você...

Ella já tinha refeito a serenidade :

—Faça o obsequio de entrar...

Aquella resposta, muito distante de tudo que esperava della, fel-o perturbar-se. Ella esboçava um sorriso de tão pura cortezia como si elle fosse um desconhecido. E elle repetiu :

—E' fallar com você...

—Mas, eu não tenho segredos. Sua visita póde ser annunciada á familia..

Ella quiz ser ironica mas sahiu tudo grave e triste. Atravez da seriedade de Paulo, sentiu que devia respeitá-lo. Mas, guardava um certo rancor pelo modo por que elle a deixara. Irritara-a mesmo aquella conducta.

Mas elle perguntou, num tom de pedido:

—Você vae hoje ao Carmo?

—Não sei.

—Vá...

—Talvez...

—Eu tenho muito que lhe dizer... Sabe? Embarco amanhã.

—Sabia. Quero desejar-lhe bôa viagem.

A humildade delle chocou-se com aquelle orgulho. Reconheceu mais uma vez que não estava bem, junto de Yvette. Arrependeu-se.

—Vae sempre ao Carmo?

—Talvez...

Elle tomou consciencia do seu arrependimento e despediu-se.

—Então, talvez, nos encontremos lá. . .

Accentuou o *talvez*. Ella que já se habituara ao pensamento de tel-o perdido, viu-o afastar-se com certa pena mas sem animo de detel-o. Mas, ainda disse, fracamente:

—E'. . . Talvez nos encontremos.

Sentiu que elle tinha ouvido. Sentiu, por uma subtil percepção, que aquella phrase ficaria o dia inteiro em seus ouvidos, como si fosse um appello da felicidade.

E a phrase realmente ficou, revoltando-o contra a necessidade de agir, de se resolver, de escolher na vida.

A' tarde, trouxe-lhe o correio uma carta do Eugenio.

Dias depois de ter estado em Olinda, na casa de Flavio e no convento, elle a tinha escripto, mandando-a para a casa dos paes de Paulo onde ella não o encontrou mais. Voltando a procural-o, ella lhe chegava ás mãos, depois de já saber elle todas as transformações espirituaes por que passara o amigo. Apenas, a exposição dos seus sentimentos era mais clara, sendo mais calorosa.

Eugenio se referia ao que tinham sido seus camaradas intimos para sua vida. Fallava na licção que lhe tinham dado Claudio e Alfredo morrendo, a praticar actos que os faziam responsaveis. Flavio Ribeiro, com seu interesse pela historia, mantivera-lhe viva a attenção pelo que era objectivo, pelo que transcendia de suas simples impressões. Delle, Paulo, viera, confessava Eugenio, o exemplo da não abdicção, da firmeza diante da vida.

Paulo sorriu desalentadamente, pensando que estava muito longe de ser o que amigo suppunha.

A carta continuava :

«Hoje, eu creio no esforço. No esforço da intelligencia á procura da verdade e no esforço pratico para implantal-a e ensinal-a. Mas, há um sentido superior nesse acto de fé. Uma intuição me diz que o segredo da vida está em pôr na crença uma objectividade que eu não sei definir. Seja o ideal uma entidade estranha ao homem, nem o homem nem uma criação d'elle, mas que do homem se saiba approximar, até o ponto de lhe perceber a rectidão do esforço e o seu valor moral. . . Mas, isso dá ao ideal uma personalidade, tira-lhe a natureza de abstracção. . .

Estarei confundindo-o com Deus, pisando em puro terreno religioso? Talvez ainda esteja muito moço para resolver taes questões mas o certo é que, onde estou, estou me sentindo melhor do que me sentia. . .

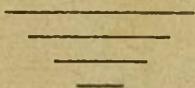
Você, Paulo, que pensará disso?».

Paulo só agora percebia bem a posição de Eugenio. E pensava que elle tinha merecido um bom caminho. Obtivera o que elle ainda não tinha alcançado porque queria subordinar-se á intelligencia mas

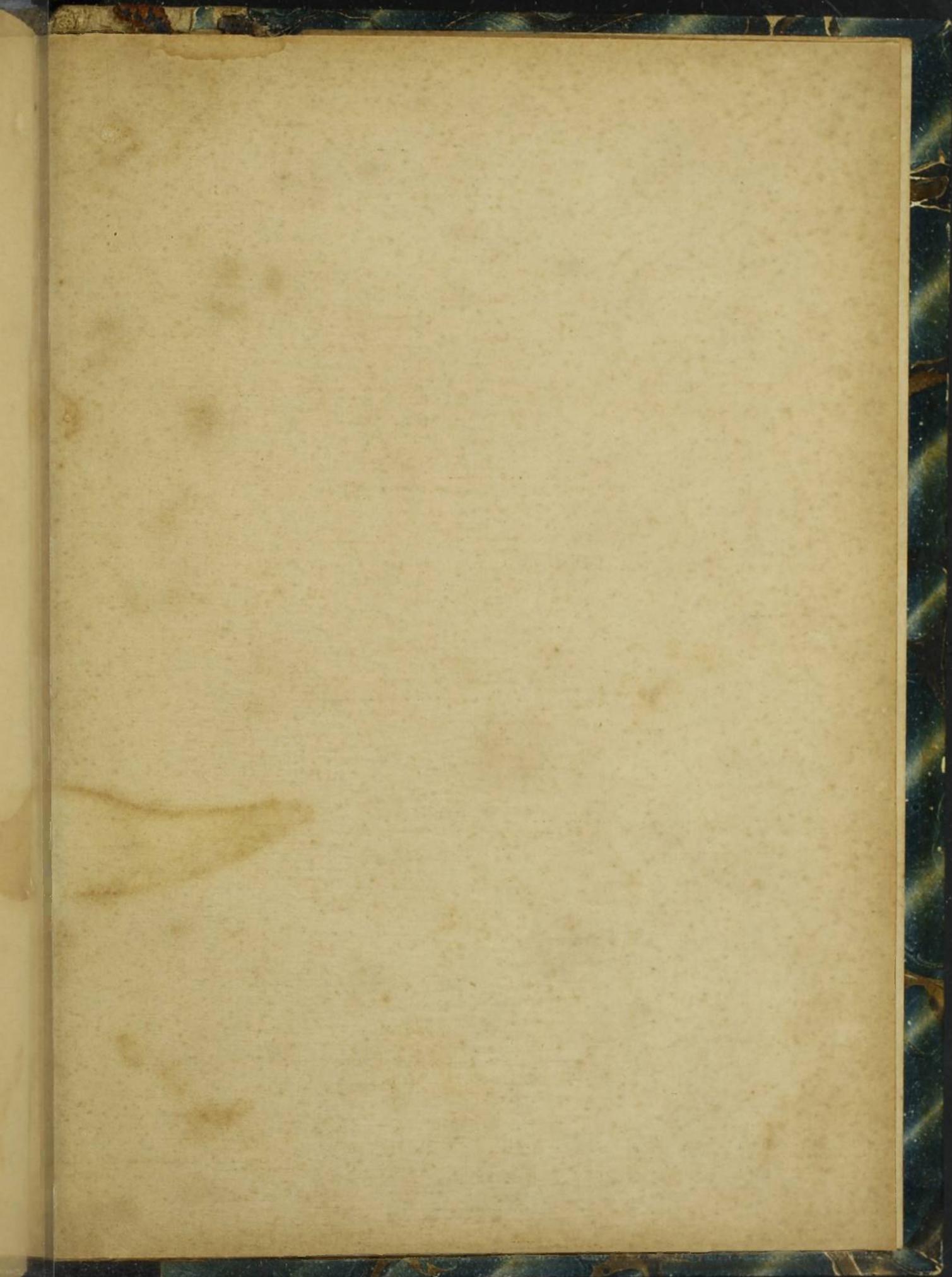
o que é a intelligencia? Sem conceitual-a, não justificava o esforço para obedecer-lhe. . .

Eugenio conceituava-a. Eugenio collocava-a dentro do systema inteiro do mundo e, com o mundo, aos pés de uma absoluta verdade que se não confundia com as nossas impressões mutaveis e os nossos ephemeros pensamentos.

Elle se esqueceu do encontro que desejava com Yvette. E para se dar uma impressão de que obedecia á intelligencia, de que já não era um irresoluto, de que amava o esforço e o combate, sahiu immediatamente de casa, desejoso de antecipar a vida nova que começaria no dia seguinte, com a viagem e o esquecimento.







24948

